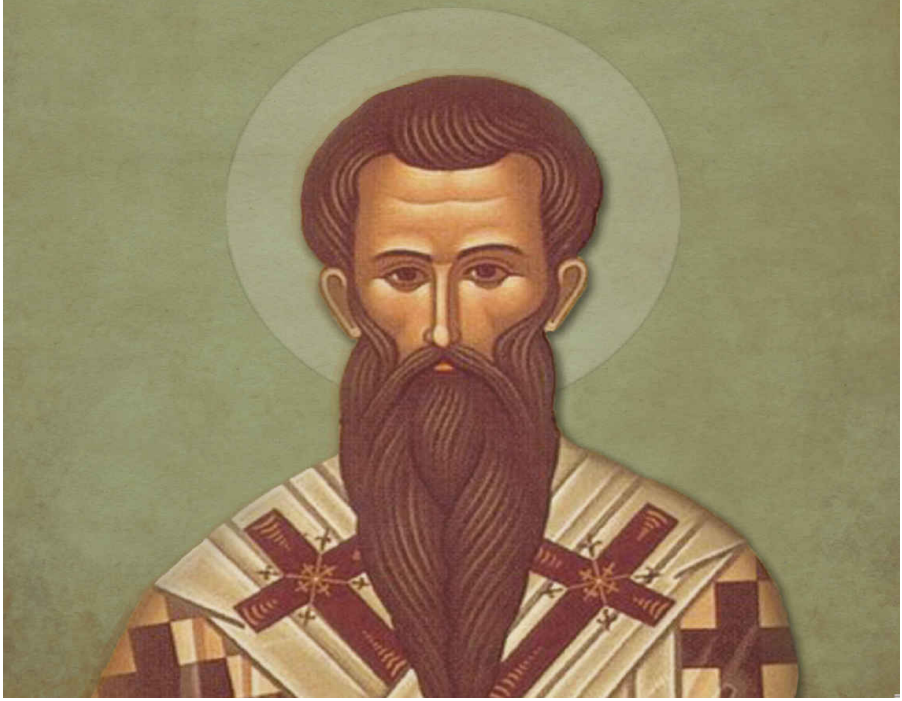
ECCLESIAE de bolso

SÃO BASÍLIO

Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã



ECCLESIAE de bolso

O Inferno

Monsenhor de Ségur

Santo Elias - o Doutor de Israel

Rafael Vitola Brodbeck

Autobiogra a

São Gregório de Nazianzo

Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã

São Basílio

Próximos Lançamentos:

Clemente de Alexandria

SÃO BASÍLIO

Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã

Seguida das homilias: Sobre o desapego das coisas mundanas e Sobre a humildade.

Tradução e notas complementares de Diogo Chiuso

Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã – São Basílio 1ª edição - agosto de 2012 - CEDET

A fonte desta tradução são as obras completas de São Basílio, organizadas e traduzidas do grego por Monsenhor Joseph Planche, professor de retórica no colégio Royal de Bourbon: *Esprit de Saint Basile, de Saint Grégoire de Nazianze et de Saint Chrysostome*, publicado pela *Librairie de Gide Fils*, Paris, 1824.

Gestão Editorial: Silvio Grimaldo de Camargo Edição e Tradução: Diogo Chiuso Assistente editorial e revisão: Lucas Cardoso da Silveira Santos Capa, projeto grá co e diagramação: Diogo Chiuso Desenvolvimento de eBook: Loope Editora | loope.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Basílio de Cesaréia

Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã / São Basílio; Tradução de Diogo Chiuso - Campinas, SP : Ecclesiae, 2012.

Título Original: *Discours aux jeunes gens sur l'utilité qu'ils peuvent retirer de la lecture des li res païens*

ISBN 978-85-63160-22-5

1. Cristianismo 2. Catolicismo 3. Santos 4. Padres da Igreja 5. Basílio de Cesaréia

I. São Basílio II. Título.

CDD – 189.2

Índice para Catálogo Sistemático

1. Padres da Igreja – 189.2

3. Catolicismo – 282

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET - Centro de Desenvolvimento Pro ssional e Tecnológico

Rua Angelo Vicentin, 70

CEP: 13084-060 - Campinas - SP

Telefone: 19-3249-0580

e-mail: livros@cedet.com.br Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

ÍNDICE

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Apresentação da edição brasileira | Por Diogo Chiuso

Laudatório

Notícia histórica sobre São Basílio | Monsenhor Joseph Planche

Prefácio | Audiência Geral do Papa Bento XVI sobre São Basílio (primeira parte)

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Homilia sobre o desapego das coisas mundanas

Homilia sobre a humildade

Pósfacio | Audiência Geral do Papa Bento XVI sobre São Basílio (segunda parte)

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Foram anexadas a esta edição duas homilias de São Basílio: *Sobre o desapego das coisas mundanas* e *Sobre a humildade*. Ambas complementam o texto principal no momento em que dão uma idéia

mais detalhada da perspectiva a partir da qual o nosso santo se dirigiu aos jovens da sua época.

Foi comum na Igreja Antiga, sobretudo entre os Padres Capadócios, usar os recursos da literatura grega para pregar e defender a doutrina católica. Orígenes e

Clemente de Alexandria já haviam absorvido a tradição losó ca para demonstrar

os pontos de vista da Revelação Cristã. Era uma época em que o processo

interpretativo já não se fazia su ciente, em função das inúmeras questões

levantadas sobre os signi cados das narrativas bíblicas. Assim nasceu a loso a

cristã, profundamente ligada a ensinamentos que visavam orientar os homens na

busca da verdade, combinando a demonstração fundada na Revelação Divina com

a argumentação racional acerca dela. Para tanto, usou-se, além dos métodos

losó cos, a oratória e também os gêneros literários da tradição grega.

Mas a principal crítica quanto ao uso da literatura pagã na educação dos jovens não era outra senão os ecos das interdições referentes aos livros que traziam

exemplos de imoralidades e que incentivavam o vício e a concupiscência – além

do perigo da entrega ao culto de alguns dos inúmeros deuses da mitologia grega.

Portanto, embora São Basílio tenha discursado considerando o valor dos clássicos da literatura pagã, não menosprezava a importância de um certo cuidado

no emprego desses textos na educação literária dos jovens. Antes de tudo é preciso

reconhecer o que convém ou não descartar, e as regras para essa separação

assentam-se em dois princípios: o primeiro versa sobre a plena consciência da imortalidade da alma. Isto implica que essa vida terrestre é passageira, um preâmbulo, por assim dizer, daquela eterna que é a nossa condição natural. Mas

precisamos considerar que toda e qualquer vida necessita de aperfeiçoamento, e

isto se dá conforme vai se aproximando ao m último, que para o Cristianismo é a

visão beatí ca, ou seja, contemplar Deus na sua in nita bondade.

Na teologia, esse caminho virtuoso que leva a Deus é chamado ascética, e a sua função é conduzir as almas à perfeição cristã, orientando as ações dos homens

para a prática da virtude sob a direção dos mandamentos e o impulso da graça.[1]

Desse modo, o mais importante é perseverar no caminho da santidade, evitando,

a todo custo, entrar na vida eterna indo diretamente para um lugar infame e

sombrio, «onde o verme não morre e o fogo não se extingue» [Mt 9,48].

Decerto, um assunto vastíssimo, abordado brevemente por São Basílio na homilia

Sobre o desapego das coisas mundanas – e que ajudará o leitor a melhor compreender o texto principal.

O segundo princípio é uma característica própria da pedagogia católica: preparar o homem para a vida eterna através do olhar voltado às coisas do alto,

deixá-lo se inspirar por exemplos virtuosos que exaltam a glória divina. Mas é

preciso levar sempre em conta o que nos ensina Santo Agostinho: «a verdadeira

virtude consiste em fazer uso dos bens e dos males e referir tudo ao m último».[2]

Sendo o seu m último a visão beatí ca, o homem traz em si, pela graça de Deus,

uma inclinação natural ao bem. No entanto, é preciso considerá-lo na sua forma

integral, com todos os pecados que o fazem desviar do caminho. Desse modo,

nossas virtudes devem ser exercidas, ao passo que devemos nos pôr em guarda

para refrear os desejos pecaminosos.

E, com esse espírito humilde, saberemos julgar que nem tudo nos é possível.

ue somente através da graça podemos aspirar alguma ascensão. Lembremos que por falta de modéstia alguém que um dia pretendeu chegar ao lugar mais alto

despencou e no inferno foi precipitado. Assim, a virtude pressupõe a humildade,

para que saibamos medir nossas próprias estaturas morais e intelectuais; para que

saibamos reconhecer a Verdade que a nós se apresenta. Somente dessa forma

podemos subir alguns degraus do conhecimento sem que nos seja inspirado o

orgulho, a nal não é dado a ninguém conhecer todas as coisas. E uma postura soberba leva-nos diretamente à desonra, tal como nos alerta São Paulo: «jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos» [Rm1,2]. Eis o motivo

da homilia de São Basílio sobre a humildade vigorar no segundo apêndice desta

edição.

Em suma, a presente obra não pretende apenas ensinar o que podemos tirar de útil das obras pagãs, mas também – e especialmente – indicar o caminho que

leva a uma vida virtuosa. São Basílio, então, nos convida a «fazer provisões para

essa grande viagem, sem nada negligenciar daquilo que nos ajudará a chegar a

nossa verdadeira pátria».[3]

DIOGO CHIUSO

Santos, São Paulo, abril de 2012.

[1]Cf. Tanquerey, A.D.: *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, Apostolado da Imprensa, 1948, Portugal – pp. 2,3 e 4.

[2]Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, XIX, 10.

*Para este trabalho, as citações bíblicas foram retiradas da Bíblia de Jerusalém, Paulus, 3ª reimpressão, 2004 – publicada com aprovação eclesiástica.

LAUDATÓRIO

Excerto de um calendário grego, impresso na

Biblioteca grega de Fabricius

T. XIII, p. 536, 1.6, c 10

Basílio o Grande oresceu sob o imperador Valêncio, quando resistiu corajosamente para defender a pureza da fé contra a heresia de Ário, que o

imperador havia abraçado, e que assolava a Igreja com a violência de um fogo

devorador. Seu pai era da cidade da Ponte; sua mãe, da Capadócia. Na arte de

bem falar, superou não somente seus contemporâneos, mas os próprios antigos.

Estudou todos os gêneros do conhecimento, destacando-se em todos. Não se

distinguiu menos na prática da loso a, e, tendo chegado até ele a contemplação

das coisas divinas, foi elevado à sede arquiepiscopal (de Cesaréia na Capadócia,

no ano 370). Lá, após muitos combates em defesa da fé, desconcertando o

governador da província com sua perseverança e coragem, publicou

obras pelas

quais fulminou as impiedades heréticas, desenvolveu os princípios morais e fez

conhecer claramente os dogmas da fé. São Basílio ainda guiou com muita

sabedoria o rebanho de Jesus Cristo, antes de deixar a terra para se reunir a Deus.

> uanto ao físico, era magro e seco, corpo reto, pele na e escura, com o rosto ligeiramente pálido, sobrancelhas arqueadas em direção ao nariz, testa

franzida com algumas rugas profundas, olhar pensativo, bochechas alongadas,

têmporas salientes, poucos cabelos, barba grisalha e bastante longa.

Excerto do Elogio de São Gregório de

Nazianzo na morte de São Basílio

> uando a Santíssima Trindade eleva a alma do piedoso Basílio, que era ansioso para deixar esta morada terrena, todo o exército celeste rejubila-se; mas as

cidades da Capadócia foram imersas na dor. ue posso dizer? O mundo inteiro

solta gritos lancinantes: «Não é mais o arauto da paz; não é mais o que era o elo de uma feliz concórdia». O mundo inteiro, adorador de Deus nas Três Pessoas, é cruelmente sacudido pelas opiniões inimigas da santa doutrina. Pobres de nós, os lábios de Basílio silenciam. Desperta-te, mesmo que apenas por tuas palavras e

teus sacrifícios, para nos livrar das tempestades. Tu és o único cuja conduta

responde sempre à linguagem e a linguagem à conduta.

Excerto de uma carta de Libânio

a São Basílio – Obras Completas de São Basílio

T. III, p. 454, edição Garnier

Preciso dizer algo a respeito de vossa amável carta; não seria de bom tom escondê-lo. Estava em casa um grande número de pessoas distintas pela posição

que ocupam no Estado. Entre elas, o ilustre Alípio, que é parente de Hierócles.

Então, na presença de todos, o mensageiro entregou-me a vossa carta. Após lê-la

em voz baixa, exclamei com um sorriso e um ar alegre: «Fui vencido!» – Em que

fostes vencido? – perguntaram-me. – E como vossa derrota nos a ige? –

Respondi: «Fui vencido na composição de cartas elegantes. Mas é Basílio o

vencedor, e ele é meu amigo, por isso vede-me contente ao ser vencido!» Essas

palavras despertaram-lhes o interesse em constatar minha derrota na vossa carta.

Alípio a leu e os outros ouviram; numa só voz expressaram-se de forma unânime:

– Tens razão! – Imediatamente o leitor saiu, sem dúvida, para mostrá-la a outras

pessoas. E tive de fazer todo o esforço do mundo para que ele ma devolvesse.

Excerto da Biblioteca de Fótios, CXLI

Basílio o Grande se destaca em todos seus discursos. Autor algum melhor do que ele tem a pureza, a propriedade de expressão, o verdadeiro estilo da oratória e

do panegírico. Em relação à clareza de pensamento, não tem igual, ou pelo menos

ninguém o supera. Ele se emprega a persuadir: sua dicção, doce e brilhante, ui

naturalmente como um córrego que escapa suavemente de uma copiosa fonte. É

principalmente na arte da persuasão que se mostra superior. E, se pegássemos seus

discursos como modelos do gênero deliberativo, pondo-nos a imitá-los, desde que, entretanto, não se ignore as próprias regras desse gênero, creio que se poderia chegar a todos os outros modelos, mesmo os de Platão e de Demóstenes, que os

antigos prescrevem para meditar e aprender a oratória e o panegírico.

NOTÍCIA HISTÓRICA SOBRE SÃO BASÍLIO

São Basílio, arcebispo de Cesaréia da Capadócia, nasceu nesta mesma cidade no ano 329, no seio de uma tradicional família originária da província da Ponte.

Tinha como pai um dos homens mais virtuosos e mais eloqüentes de Cesaréia;

sua mãe era Santa Eumélia; a irmã, Santa Macrina; e entre seus irmãos, São

Gregório de Nissa e São Pedro de Sebaste.

Fruto de uma família de santos, Basílio parecia destinado, desde o nascimento, a se tornar um dos mais distintos homens da Igreja, tanto pelos

exemplos domésticos que tinha diante dos olhos quanto dos talentos que a

Providência lhe havia destinado. E essas esperanças não foram perdidas: após ter

feito seus estudos com bastante sucesso na província da Ponte, seguiu para

Constantinopla para tomar lições com Libânio, o mais célebre retórico de seu

tempo, que rapidamente via o aluno se distinguir entre os discípulos, e que lhe

conservou por toda a vida a mais alta estima.

Ao deixar a escola da Capadócia, Basílio foi para Atenas, onde se aperfeiçoou na clareza da linguagem, adquirindo a tão célebre elegância dos

grandes escritores gregos. Lá reencontrou seu velho amigo Gregório de

Nazianzo,

o seu equivalente na piedade, nos talentos e no amor pelo conhecimento.

Após ter se aperfeiçoado na arte da oratória e acumulado um tesouro de conhecimentos das ciências profanas, resistiu às vantajosas propostas para que

casse em Atenas na qualidade de mestre. Retornou à sua pátria, onde assumiu, por algum tempo, uma cadeira de retórica numa escola local, e também apareceu

com brilho nos tribunais. Mas, percebendo que o alarido das palmas, recebido

pelo exercício das duas pro ssões, não lhe preenchia o coração, renunciou a suas funções profanas – onde eclipsava todos os seus concorrentes – para se consagrar inteiramente a Deus.[1] Recebeu o Batismo em 357 e, em seguida, vendeu e distribuiu todos os seus bens aos pobres. Percorreu os mosteiros da Síria, da

Mesopotâmia e do Egito, onde encontrou consolo aos tristes espetáculos de

devastação que o arianismo trazia a todo o Oriente.[2]

No seu retorno, foi obrigado a se afastar de Diano, à época bispo de Cesaréia, que havia sucumbido formalmente ao arianismo. Assim, retira-se nos

desertos da Ponte, não longe do mosteiro feminino fundado por sua mãe e sua

irmã, às margens do Iris. A exemplo delas, estabeleceu um mosteiro para homens

do outro lado do rio, reunindo todos os solitários da vizinhança que haviam

escolhido a vida eremítica – que para ele era bastante inconveniente –,

conduzindo-os à vida monástica. Esses estabelecimentos se foram

multiplicando

na província da Ponte e também por toda a Capadócia; então, Basílio estabeleceu

regras comuns, das quais se manteve como inspetor geral, até mesmo depois de,

mais tarde, tornar-se bispo.

Diano, atacado por uma doença que o conduziria à morte, convocou Basílio a se apresentar em Cesaréia, fazendo-o saber que estava ciente do mal que havia

sido espalhado com a fórmula ariana de Rimini,[3] e que nunca pretendeu renunciar à fé de Nicéia. Então, não achou nenhuma di culdade para voltar sob

sua jurisdição, e prodigalizar-lhe todos os cuidados que exigia o estado do bispo à

beira da morte. Eusébio, sucessor de Diano, foi responsável pela ordenação de

Basílio em 364. Mas seus sucessos nas pregações causaram inveja a Eusébio, que o

interditou no exercício do santo ministério, e deu-lhe liberdade para voltar aos

seus mosteiros na província da Ponte.

Pouco tempo depois, o imperador Valente dirigiu-se a Cesaréia para ajudar os arianos a tomar posse das igrejas católicas, e isto fez com que Eusébio, incapaz

de lhe fazer oposição, ouvisse o clamor dos éis para que trouxesse Basílio. Sua

presença fez cessar as divisões que prevaleciam entre os ortodoxos; seu zelo

frustrou o intento do imperador, e sua eloqüência fez-se ouvir no

celeiro dos ricos,

para alimentar os pobres que a fome havia reduzido à mais terrível miséria.

Com a morte do bispo Eusébio, Basílio foi elevado à sede de Cesaréia em 370. Aquela igreja tomou uma nova face devido ao cuidado com que ele passou a

formar o clero, além do fervor que inspirava em todos os éis e também pelo zelo

ativo que exibiu em todas as partes do seu ministério. Tal zelo se estendeu para

além da sua diocese. A Igreja de Antioquia estava dilacerada por um cisma tão

complexo que cada divisão era encabeçada por um homem distinto. Basílio

tentou ajudar a restabelecer a harmonia, mas seus esforços foram inúteis. Porém,

obteve êxito diante dos bispos da Macedônia, que demonstraram desejo de se

reunir à Igreja: fê-los adotar a fé de Nicéia, e se contentou em fazê-los confessar

que o Espírito Santo não é uma criatura.[4] Ele acreditava que, uma vez de volta à unidade, poderiam ser conduzidos facilmente, em conferências amigáveis, a

reconhecer a divindade do Espírito Santo. Esta condescendência, criticada por

alguns católicos, seria aprovada por Santo Atanásio, e enfraqueceu

consideravelmente os arianos.

Valente, sempre obcecado pelos facciosos arianos, retomou o projeto de fazer arianos e católicos comungarem juntos. O terror marchava por todas as

províncias que ele atravessava, e os bispos, intimidados, fraquejavam diante de

suas ameaças. O prefeito Modesto, seguindo as orientações do imperador, deu

ordem para subjugar o arcebispo de Cesaréia. Então, sentado na sua tribuna e

cercado por seus lictores armados, fez comparecer Basílio, informando-lhe do

con sco dos seus bens, do exílio, dos tormentos e mesmo da morte, caso ele não

confessasse a religião do imperador. O santo, com a serenidade que expressava seu

rosto, apresentou-lhe livros que compunham todos os seus bens, seus trapos que o

defenderiam das intempéries das estações, e complementou dizendo que sua

estada na terra era como um exílio, já que o céu era a sua verdadeira pátria, onde

ele iria se reunir com seu Criador.

Modesto, surpreendido com aquela destemida tranqüilidade, disse: «Jamais alguém me falou com tamanha audácia.» E Basílio respondeu com uma santa

con ança: «Talvez porque vós nunca tivestes de lidar com um bispo: no curso

ordinário da vida, somos os mais doces e agradáveis entre todos os homens.

Porém, quando se trata da religião, desprezamos tudo por Deus, sem que nada nos

possa abalar.»

No dia seguinte, Basílio teve de se apresentar ao próprio imperador,

e com a mesma resignação deixou claro que não se intimidaria. Isso fez com que o

deixassem em paz.

No entanto, Basílio sabia temperar, por uma sábia condescendência, o rigor de seu ministério. Valente, presente à igreja no dia da Epifania, não ousou se encaminhar para a comunhão, prevendo que ela lhe seria recusada, mas fez sua

oferta, a qual foi aceita. Basílio sabia que, nessas ocasiões extraordinárias, era preciso prudência e ser menos severo nas regras para não humilhar a majestade

imperial, provocando ressentimentos desnecessários. Por duas vezes Valente se

deixa levar pelos arianos, dando a ordem para que exilassem Basílio; por duas

vezes teve de revogar tal ordem.

O resto da vida de Basílio oferece uma riqueza de detalhes sobre as medidas tomadas para manter a boa ordem em sua igreja, para pôr termo às diferenças que

se elevavam nas igrejas vizinhas, para trazer de volta os pastores e seus rebanhos à

fé de Nicéia, para fornecer bispos ortodoxos às dioceses que não os tinham, e

também colocar ordem nas disputas territoriais. As freqüentes viagens que

empreendia, mesmo nas mais rudes estações do ano, acabaram por arruinar a sua

saúde, já consideravelmente enfraquecida pelos rigores da penitência. Sua morte

se deu em 379 e foi lamentada universalmente, não apenas pelos cristãos, mas

também pelos judeus e pelos pagãos, que o viam como um pai. São Gregório de

Nazianzo se encarregou de exprimir todos esses lamentos numa oração fúnebre,

conhecida como um dos seus discursos mais tocantes.

As obras de São Basílio consistem em homilias, discursos morais, cinco livros contra Eunômio, um livro sobre o Espírito Santo, um comentário sobre

Isaías, mais de trezentas cartas sobre diversos assuntos. O que forma a

característica de sua eloqüência é uma excelente dialética, conhecimento extenso e

variado, uma rica imaginação, grandes pensamentos, sublimes concepções, o uso

freqüente das Sagradas Escrituras, numa dicção pura e com extrema precisão. Seus

pensamentos tinham muita ordem, clareza, e eram expressos num estilo muito

elegante. Fótios, que foi um conhecedor profundo desta matéria, via esse talento

de São Basílio como o mais próprio a tocar os corações e a persuadir os espíritos

nas ações públicas.

M. JOSEPH PLANCHE

Professor de retórica no colégio Royal de Bourbon, publicado em 1824.

1«Um dia, como despertando de um sonho profundo, eu me dirigi à admirável luz da verdade do Evangelho [...], e chorei sobre minha miserável vida» (cf. São Basílio, Carta 223: PG 32, 824a) – NT.

2A teoria conhecida como subordinacionismo, defendida por Ário, que, não entendendo a consubstancialidade da Santíssima Trindade, acreditava estar defendendo o monoteísmo. Portanto, Ário a rmava haver um só Deus, que se tornou Pai somente após criar o Filho, que, portanto, junto com o Espírito Santo, seriam apenas criaturas. O Concílio de Nicéia (325) condenou a doutrina herética de Ário, e rea rmou a consubstancialidade da Santíssima Trindade no Credo: «Creio em um só Senhor, *Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos. Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro. Gerado, mas não feito, consubstancial ao Pai, pelo qual foram feitas todas as coisas*». Depois, acrescentou-se no Concílio de Constantinopla (381): «Creio *no Espírito Santo, que é Senhor e dá a Vida e procede do Pai e do Filho. E com o Pai e o Filho é juntamente adorado e glorificado, e é o que falou pelos Profetas*» – NT.

3Concílio de Rimini (359-360), convocado pelo Imperador Constâncio II, tomou partido de Ário, ainda que tentassem não evocar abertamente o seu nome, já condenado no Concílio de Nicéia (325). Embora conste que reuniu mais bispos do que qualquer concílio até então, subscreveu-se a um credo ambígüo que trazia muita confusão, o que se observou até o Concílio de Constantinopla, que restabeleceu os cristãos nos lugares eminentes dos quais nunca deveriam ter saído – NT.

4Em suma, o Concílio de Nicéia determinou que Jesus Cristo é Deus, condenando a doutrina de Ário que dizia o contrário. Porém, tal doutrina perseverou entre alguns bispos que acrescentaram a dúvida sobre a divindade do Espírito Santo, que só seria resolvida em 381, no Concílio de Constantinopla – NT.

PREFÁCIO

AUDIÊNCIA GERAL DO PAPA BENTO XVI

(em 4 de junho de 2007)

Queridos irmãos e irmãs!

Hoje queremos recordar um dos grandes Padres da Igreja, São Basílio, de nido pelos textos litúrgicos bizantinos um 'luminar da Igreja'. Foi um grande

bispo do século IV, para quem olha com admiração tanto a Igreja do Oriente

como a do Ocidente pela santidade de vida, pela excelência da doutrina e pela

síntese harmoniosa de dotes especulativos e práticos. Ele nasceu por volta de 330

numa família de santos, 'verdadeira igreja doméstica', que vivia num clima de

profunda fé. Completou os vários estudos com os melhores mestres de Atenas e

de Constantinopla. Insatisfeito com os seus sucessos mundanos, e percebendo que

tinha desperdiçado muito tempo nas vaidades, ele mesmo confessa: «Um dia,

como que acordando de um sono profundo, dirigi-me para a admirável luz da

verdade do Evangelho... e chorei sobre a minha vida miserável.»[1] Atraído por Cristo, começou a olhar para Ele e a ouvir somente a Ele.[2] Com determinação dedicou-se à vida monástica na oração, na meditação das Sagradas Escrituras e dos

escritos dos Padres da Igreja, e no exercício da caridade,[3] seguindo também o exemplo da irmã, Santa Macrina, que já vivia no ascetismo monástico. Depois foi

ordenado sacerdote e en m, em 370, bispo de Cesaréia da Capadócia, na atual

Turquia.

Mediante a pregação e os escritos, desempenhou uma intensa atividade pastoral, teológica e literária. Com sábio equilíbrio, soube unir o serviço às almas e a dedicação à prece e à meditação na solidão. Valendo-se da sua experiência pessoal, favoreceu a fundação de muitas 'irmandades' ou comunidades de cristãos consagrados a Deus, que visitava freqüentemente.[4] Com a palavra e com os escritos, muitos dos quais chegaram até nós,[5] exortava-os a viver e a progredir na perfeição. Das suas obras hauriram também vários legisladores do monaquismo

antigo, entre os quais São Bento, que considerava Basílio como o seu mestre.[6] Na realidade, ele criou um monaquismo muito particular: não fechado à comunidade

da Igreja local, mas aberto a ela. Os seus monges faziam parte da Igreja particular,

eram o seu núcleo animador que, precedendo os outros éis no seguimento de

Cristo e não só na fé, mostrava a rme adesão a Cristo o amor a Ele sobretudo nas

obras de caridade. Estes monges, que tinham escolas e hospitais, estavam ao

serviço dos pobres e mostraram assim a integridade da vida cristã. O Servo de

Deus João Paulo II, falando do monaquismo, escreveu: «Muitos consideram que

aquela estrutura principal da vida da Igreja que é o monaquismo foi posta, para

todos os séculos, principalmente por São Basílio; ou que, pelo menos, não foi

de nida na sua natureza mais própria sem o seu contributo decisivo.»[7]

Como bispo e pastor da sua vasta diocese, Basílio preocupou-se constantemente pelas difíceis condições materiais em que viviam os éis;

denunciou com rmeza os males; comprometeu-se a favor dos mais pobres e

marginalizados; interveio também junto dos governantes para aliviar os

sofrimentos da população, sobretudo em momentos de calamidade; vigiou pela

liberdade da Igreja, opondo-se também aos poderosos para defender o direito de

professar a verdadeira fé.[8] De Deus, que é amor e caridade, Basílio deu um válido testemunho com a construção de vários albergues para os necessitados,[9] quase uma cidade da misericórdia, que dele recebeu o nome de Basilíada.[10] Ela está nas origens das modernas instituições hospitalares de internação e de cuidado dos

doentes. Consciente de que «a liturgia é o ápice para o qual tende a ação da Igreja, e ao mesmo tempo a fonte da qual jorra toda a sua virtude»,[11] Basílio, embora sempre preocupado em realizar a caridade que é a prova da fé, foi também

um sábio 'reformador litúrgico'.[12] Com efeito, deixou-nos uma grande oração eucarística (ou anáfora), que dele recebe o nome, e deu um ordenamento

fundamental à oração e à salmodia: pelo seu impulso o povo amou e conheceu os

Salmos, e recitava-os também de noite.[13] E assim vemos como a liturgia, a adoração, a oração com a Igreja e a caridade caminham juntas, condicionando-se

reciprocamente.

Com zelo e coragem, Basílio soube opor-se aos hereges, que negavam que Jesus Cristo fosse Deus como o Pai.[14] Analogamente, contra aqueles que não aceitavam a divindade do Espírito Santo, ele a rmou que também o Espírito é

Deus e «deve ser com o Pai e com o Filho igualmente numerado e glori cado».[15]

Por isso, Basílio é um dos grandes Padres que formularam a doutrina sobre a

Trindade: o único Deus, precisamente porque é amor, é um Deus em três Pessoas,

que formam a unidade mais profunda que existe, a unidade divina.

No seu amor a Cristo e ao seu Evangelho, o grande Santo da Capadócia comprometeu-se também em recompor as divisões dentro da Igreja,[16]

empenhando-se para que todos se convertessem a Cristo e à sua Palavra,[17] força uni cadora à qual todos os crentes devem obedecer.[18] Em conclusão, Basílio entregou-se completamente ao serviço el à Igreja e no exercício multiforme do

ministério episcopal. Segundo o programa por ele mesmo traçado, tornou-se

«apóstolo e ministro de Cristo, dispensador dos mistérios de Deus, arauto do

reino, modelo e regra de piedade, olho do corpo da Igreja, pastor das ovelhas de

Cristo, médico piedoso, pai e sustento, cooperador de Deus, agricultor de Deus,

construtor do templo de Deus».[19]

Este é o programa que o santo bispo entrega aos anunciadores da Palavra – ontem e hoje –, um programa que ele mesmo se

comprometeu generosamente a

pôr em prática. Em 379 Basílio, não ainda cinqüentenário, consumido pelos

cansaços e pela ascese, retornou para Deus, «na esperança da vida eterna através

de nosso Senhor Jesus Cristo».[20] Ele era um homem que viveu verdadeiramente com o olhar xo em Cristo. Era um homem do amor ao próximo. Cheio da

esperança e da alegria da fé, Basílio mostra-nos como ser realmente cristãos.

1 Cf. Ep. 223: PG 32, 824a 2 Cf. *Moralia* 80, 1: PG 31, 860bc 3 Cf. *Epp*. 2 e 22

4 Cf. Gregório de Nazianzo, *Oratio* 43, 29 *in laudem Basilii:* PG 36, 536b 5 Cf. *Regulae brevius tractatae*, Proêmio: PG 31, 1080ab 6 Cf. *Regula* 73, 5

7 Carta Apostólica *Patres Ecclesiae*, 2

8 cf. Gregório de Nazianzo, *Oratio* 43, 48-51 *in laudem Basilii*: PG 36, 557c-561c 9 Cf. Basílio, *Ep*. 94: PG 32, 488bc 10 Cf. *Sozomeno*, Historia Eccl. 6, 34: PG 67, 1397a 11 Constituição Conciliar *Sacrosanctum concilium*, 10

12 Cf. Gregório Nazianzeno, *Oratio* 43, 34 *in laudem Basilii*: PG 36, 541c 13 Cf. Basílio, *In Psalmum*, 1-2: PG 29, 212a-213c 14 Cf. *Basílio*, Ep. 9, 3: PG 32, 272a; Ep. 52, 1-3: PG 32, 392b-396a; *Adv. Eunomium* 1, 20: PG 29, 556c 15 Cf. *De Spiritu Sancto*: SC 17bis, 348

16 Cf. *Epp*. 70 e 243

17 Cf. *De iudicio* 4: PG 31, 660b-661a 18 Cf. *ibid.*, 1-3: PG 31, 653a-656c 19 Cf. *Moralia* 80, 11-20: PG 31, 864b-868b 20 *De Baptismo* 1, 2, 9

«CONSCIENTIZA-TE DA TUA GRANDEZA CONSIDERANDO O PREÇO DERRAMADO POR TI: OLHA PARA O PREÇO DO TEU RESGATE, E COMPREENDE A TUA DIGNIDADE!»

Psalmum 48, 8: PG 29, 452b

CAPÍTULO I

Minhas crianças queridas,

Bons motivos me encorajam para dar-vos conselhos que creio serem sábios, e asseguro: serão úteis àqueles que os acolherem. Na idade em que me encontro, o

grande número de acontecimentos pelos quais passei, as diversas revoluções que

experimentei e que são excelentes para instruir, deram-me a experiência para

poder indicar o caminho mais seguro e menos arriscado aos jovens que iniciam

nas suas carreiras. Além disso, depois dos autores de vossas vidas, ninguém está

mais perto de vós do que eu, de sorte que tenho para convosco uma afeição

verdadeiramente paternal; e, a menos que não me engane sobre as disposições dos

vossos corações, posso me gabar que quando voltais seus olhares a mim, vós me

colocais no mesmo patamar dos autores de vossos dias.

Se receberdes meus conselhos com entusiasmo, sabei que estareis entre os que Hesíodo colocou com louvor como detentores do segundo importante

mérito dos sábios; caso contrário, tendo muito cuidado para não pronunciar algo

desagradável, contento-me a lembrar os versos onde o poeta diz que o primeiro

mérito é enxergar por si mesmo aquilo que é o melhor a ser feito; o segundo é

poder seguir os conselhos sábios úteis que alguém lhe dá; mas que isso tudo é inútil a quem não sabe nem agir por si mesmo nem aproveitar os bons conselhos.[1]

Não vos surpreendais que, malgrado o valor dos mestres das escolas que freqüentais todos os dias, e também a vantagem de conversar com os mais ilustres

escritores da antigüidade por meio dos livros que eles nos deixaram, pretendo

encontrar algo melhor a dizer. Venho advertir para que não sigais de forma cega

esses doutores profanos; não vos entregueis sem reservas em um mar cheio de

armadilhas, conduzidos por esses perigosos pilotos. Deles deve-se absorver o que há de bom e útil, sempre sabendo aquilo que é preciso rejeitar. Como, então, podemos fazer essa distinção? É isto que pretendo ensinar, e é por onde iniciarei este discurso.

[1] Hesíodo, no poema intitulado *As obras e os dias*, verso 291. Este pensamento do poeta grego foi bastante repetido depois dele, entre outros, por Tito Lívio, no discurso de Minúcio ao ditador Fábio: «Homem excelente é quem por si mesmo tudo pensa, / re etindo o que então e até o m seja melhor; / e é bom também quem ao bom conselho obedece; / mas quem não pensa por si nem ouve o outro / é atingido no ânimo; este, pois, é homem inútil» – versos 291-295, Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*, Iluminuras, 1996, tradução de Mary de Camargo Neves Lafer.

CAPÍTULO II

Nós cremos, minhas queridas crianças, que a vida presente não é nada: tudo aquilo que é limitado às vantagens temporais apresentadas nesta vida são nada

mais do que ilusões que se apresentam a nossos olhos. O nascimento, a força, a

beleza, a boa imagem, as honrarias, e mesmo o império; tudo aquilo que há de

mais grandioso no mundo nos parece pouco desejável. En m, nada daquilo que

possa ser chamado de grande neste mundo pode ser um bem para nós; assim, não

merece a menor das nossas atenções. Tampouco devemos invejar a pretendida

felicidade daqueles que possuem essas vantagens. Pois as nossas esperanças estão

apontadas para um lugar muito mais distante. Em tudo o que fazemos, propomo-

nos a alcançar uma vida futura. E tudo aquilo que pode a ela nos conduzir deve

ser objeto da nossa atenção e do nosso amor; devemos usar de todas as forças para

encontrá-los. Por outro lado, devemos nos livrar, sem culpa alguma, daquilo que é

desprezível, de tudo aquilo que pode nos afastar do nosso objetivo último.

Para vos explicar do que se trata esta outra vida, e qual será a natureza desta outra morada, seria preciso falar-vos por muito mais tempo do que pretendo,

além de tratar-se de objetos que escapariam às vossas capacidades de

entendimento, pois sois jovens e ainda estais a iniciar nas vias do conhecimento.

Por ora, é-me su ciente dizer-vos que, reunindo toda a felicidade que o homem

tem desfrutado desde o início dos tempos, mal se chegaria à menor parte da

felicidade que espera a vida futura. E, mesmo que pudéssemos somar todos os

bens presentes neste mundo, veremos que isto ainda seria inferior ao menor dos

bens futuros; que a sombra e os sonhos estão abaixo da realidade; ou ainda, para

me servir de uma comparação mais apropriada, assim como a alma é mais preciosa

do que o corpo, a vida futura prevalece sobre a vida presente.[2]

As Sagradas Escrituras nos ensinam essas verdades e nos instruem pelos Santos Mistérios. Mas sei que a juventude ainda não vos permite aprofundar

nessas verdades, portanto retenhamos os olhos sobre os livros que não são

completamente contrários a elas, para que possamos, a partir deles, olhar para

nossas próprias almas, como se estivéssemos defronte a um espelho. É assim que se

aplicam os soldados a diversos exercícios que mais parecem divertimentos, porém

acabam por torná-los mais aptos para o combate. Imaginemos, então, que a maior

de todas as lutas nos fosse proposta, e que seria preciso preparar-nos com todo o

cuidado que somos capazes de ter: ocuparmo-nos da leitura dos poetas, dos

oradores, de todos os escritores que podem nos servir para aperfeiçoar nossa alma.

Se quisermos imprimir em nós a idéia de beleza com força su ciente para que seja

indelével, devemos nos iniciar nas letras profanas, antes de se empenhar no estudo

das coisas sagradas. Primeiro devemos aprender a ver o re exo do sol nas águas

cristalinas e, depois, com a visão fortalecida, olhar diretamente para a luz pura.

Se há alguma a nidade entre as ciências sagradas dos livros santos com aquelas dos autores profanos, isto nos será vantajoso conhecer. Caso contrário,

saberemos ver suas diferenças aproximando-as, e a comparação contribuirá

bastante para nos fortalecer no conhecimento da verdade. Mas, por qual analogia

poder-se-á representar uma ou outra doutrina? As árvores têm uma virtude

natural de car carregadas de frutos numa dada estação, todavia elas recebem uma

espécie de ornamento de folhas que se agitam em torno de seus ramos. Da mesma

forma se dá com a alma: a verdade é seu fruto essencial, no entanto pode ser enriquecida com conhecimentos profanos, assim como as folhas realçam a beleza

dos frutos.

[2]Na segunda parte desta edição encontra-se a *Homilia sobre o desapego das coisas mundanas* (pp.61), onde São Basílio se concentra apenas neste assunto que, no presente Discurso, não pretende abordar – NT.

CAPÍTULO III

Sabemos que Moisés, cuja sabedoria bem conhecemos, dedicou-se às ciências egípcias antes de se dedicar à contemplação das coisas do alto [Cf. At 7,22]. No século seguinte, o profeta Daniel instruiu-se na sabedoria dos Caldeus

da Babilônia, antes de se aplicar às ciências sagradas [Cf. Dn 1, 5,6 + 1,17]. Então,

podemos concluir que as ciências profanas não são inúteis. Agora, é preciso

aprender o que delas se pode extrair. Comecemos pelos poetas, cujos discursos são

variados. Não devemos nos apegar a tudo aquilo que dizem, mas recolher as ações

e palavras dos grandes homens dos quais nos falaram: iremos admirá-los e

tentaremos imitá-los. Mas quando nos forem apresentadas personagens infames,

taparemos os ouvidos para nos proteger de semelhantes exemplos, como fez

Ulisses para evitar o canto das sereias.[3] Pois o hábito de se entreter com palavras contrárias à virtude conduz diretamente à prática do vício. Portanto, devemos

velar por nossas almas, de modo que as máximas perversas não se

insinuem ao

coração através das palavras, como se fossem um amargo veneno adocicado pelo

mel. Assim, evitemos os poetas que espalham pelas bocas de suas personagens as

injúrias e os sarcasmos, que descrevem a lascívia e a embriaguez, que fazem

parecer que a felicidade consiste em mesas suntuosas e cantos efeminados. Ainda

menos aqueles que poetizam a pluralidade de deuses com suas disputas

indecentes, onde irmão ataca irmão, o pai guerreia implacavelmente com seus

lhos, os deuses são adúlteros e se entregam às paixões e aos seus negócios infames, sobretudo este Júpiter, anunciado como uma divindade suprema, mas se

o fosse envergonharia até mesmo os animais. ue sejam todos abandonados aos

historiadores, que saberão o que fazer deles.

O mesmo se pode dizer sobre os proseadores que só buscam corromper o espírito daqueles que os lêem. Não nos serviremos dos oradores que apenas usam da sua arte para a enganação. Pois os cristãos escolhem a via reta e verdadeira que está contida nos Evangelhos, e jamais devem consentir com a mentira. Devemos

estudar os autores profanos que louvam a virtude e condenam o vício. Das ores,

nos contentamos em apreciar suas cores e sentir seu perfume; no entanto, as

abelhas delas extraem a substância para produzir o mel. Do mesmo modo, aqueles

que nas suas leituras não procuram unicamente o prazer poderão

extrair coisas

muito úteis para o espírito. En m, devemos imitar as abelhas, que não voam

indiscriminadamente sobre todos os tipos de ores: escolhem somente as mais

aptas para lhes fornecer aquilo que é útil ao seu trabalho, abandonando o resto

inútil. Faremos o mesmo se formos sábios: após colher nesses livros tudo aquilo

que é precioso para o conhecimento da verdade, abandonaremos o resto.

Devemos considerar, antes de tudo, as ciências que queremos estudar,

relacionando o conhecimento a um m conveniente.[4]

Como a virtude é o caminho para a vida bem-aventurada que pretendemos, devemos nos concentrar nos poetas, escritores e, sobretudo, nos lósofos que a

celebram em inúmeras de suas obras. Não é pouca a vantagem de inspirar e

habituar os jovens naquilo que é honesto. Di cilmente eles esquecem o que

aprendem na mais tenra idade, e esses primeiros traços se imprimem nas suas

almas de uma forma tão marcante que nunca mais poderão ser apagados. E não

fora mesmo o desejo de incitar os jovens à virtude que fez Hesíodo escrever os

versos que estão na boca de todo mundo? «O caminho que conduz à virtude

parece, à primeira vista, áspero, duro, íngreme, não oferecendo nada mais que suor

e cansaço.»[5]

Assim, não é dado a todos se aproximar deste caminho devido a sua rigidez.

Mas, uma vez que se chega ao topo, percebe-se que ele mesmo é tranqüilo, macio,

fácil, mais agradável do que aquele que conduz ao vício, que podemos chegar sem

demora, como diz o poeta, pois o vício é vizinho da virtude. Creio que, falando

assim, Hesíodo não tem como intenção outra coisa senão exortar-nos, convidar-

nos a seguir o caminho que nos torne homens virtuosos, sem permitir que

desanimemos antes de chegar a esse objetivo. Se qualquer outro autor faz

semelhante elogio à virtude, saudemos suas narrativas, pois tendem aos mesmos

ns aos quais nos propomos.

Ouvi um homem hábil a explicar o sentido dos poetas; falava que toda a poesia de Homero é um elogio à virtude, que tudo aquilo que não é pura fantasia

conduz a este m. Temos um belo exemplo no chefe dos cefalenianos,[6] que sai nu de um naufrágio, estando coberto apenas pela sua virtude, sua mais bela veste.

Longe de ser exposto à vergonha, inspira antes o respeito de uma jovem princesa,

e em seguida dos outros feacianos, que por ele tinham tanta veneração que, sem

pensar em luxos ou riquezas, tomam-no como modelo e apressam-se a imitá-lo;

não queriam ser nada mais do que aquele Ulisses saído das ondas num estado

miserável após o naufrágio.

Este intérprete de Homero que ouvi falando acrescenta que naqueles versos o poeta parece bradar: «Ó mortais! Buscai a virtude, que nos faz superar o

naufrágio, e faz com que um homem nu saído do meio das ondas torne-se mais

respeitável que os mais opulentos feacianos». Sim, sem dúvida, os outros bens

não pertencem mais a seus possuidores do que aos que deles estão privados, pois

passam de uma mão a outra como nos jogos de azar. Porém, a virtude é o único

bem que não nos pode ser tirado, é o único bem que acompanha o homem na vida

e também na morte. Decerto, tal era o sentimento de Sólon, quando aos ricos

disse: «Jamais trocaremos vossas riquezas pela virtude, porque esta em nós

permanece para sempre, ao passo que a propriedade dos bens materiais passa de

um homem para outro.»[7]

Teógnis pensa da mesma forma, quando diz que a divindade (qual seja a que ele fale) faz pender a balança, às vezes para um lado, às vezes para o outro; que

hoje se tem a riqueza, e amanhã pode-se ter a miséria.[8]

Pródico, so sta de Ceos, raciocina mais ou menos do mesmo modo numa de suas obras sobre a virtude e os vícios que merece ser lida com atenção, pois não é

um autor que se possa desprezar.[9] Eis um excerto dos seus pensamentos, que cito de memória, mas não difere essencialmente das suas próprias palavras. Ele diz que

Héracles, quando jovem, mais ou menos na mesma idade em que vos encontrais,

deliberava sobre o caminho que deveria escolher. Estava indeciso por aquele que

conduz à virtude com todas as suas di culdades, ou um outro mais fácil. Foi

quando lhe apareceram duas mulheres: uma era a Virtude, e a outra, a Felicidade,

e ele as reconheceu antes mesmo que lhe falassem. Uma realçava a beleza com excesso de maquiagem; parecia banhar-se nas delícias, arrastando atrás de si toda a sorte de prazeres. Procurava convencer a Héracles, fazendo-lhe a corte e prometendo ainda muito mais. A outra, magra e exausta, portava um olhar severo

e usava de uma linguagem bem diferente: longe de lhe prometer uma vida doce e

tranqüila, anunciava fadigas, trabalhos, mil perigos na terra e no mar, mas cuja

recompensa seria estar junto da divindade. Assim fala esta mulher, diz Pródico, a

quem Héracles se une e permanece el até a morte.

> uase todos que escreveram sobre a sabedoria louvaram a virtude, cada um à sua maneira. Devemos, portanto, ouvi-los e incorporar seus axiomas à nossa

conduta, pois só é sábio quem con rma sua loso a pelas suas ações. E aqueles

que losofam apenas pelas palavras são nada mais do que espantalhos a

impressionar pessoas ingênuas; portanto não merecem nenhum respeito. O

verdadeiro sábio me parece assemelhar-se a um pintor que, pintando as mais belas

guras de homens virtuosos, vê a si mesmo representado como modelo daqueles cujos traços pretende retratar. Porque louvar publicamente a virtude, usando

magní cos termos em longos discursos, enquanto na própria vida dá preferência

ao prazer em lugar da temperança, a injustiça em lugar da justiça, é tão somente

igualar-se aos palhaços e aos comediantes que representam os reis e os príncipes,

sem eles mesmos serem reis ou príncipes, e muitas vezes sequer serem homens

livres. Um músico não quereria tocar uma lira desa nada; um corifeu[10] não gostaria de reger coristas que não saibam cantar em harmonia; da mesma forma se

dará com um homem em desacordo consigo mesmo: não terá uma conduta que

con rme seus discursos! Dirá, como em Eurípedes: «Minha boca pronunciou um

sermão ao qual meu espírito não toma parte.»[11] Desse modo, é preciso dar fé ao que diz Platão: «O supra-sumo da injustiça é parecer justo sem o ser.»[12]

En m, é preciso amar os discursos que contém bons axiomas. Desta forma, meditemos sobre todas as passagens que contêm princípios de sabedoria. Além

disso, como as belas ações dos antigos nos foram conservadas, ou pelas

lembranças de gerações em gerações ou pelos trabalhos dos poetas e dos

historiadores, não se deve negligenciar o proveito que deles podemos tirar. Eis

alguns exemplos.

Certa vez, Péricles foi, em plena praça pública, insultado e injuriado por um homem do povo, ao qual não dedicou nenhuma atenção. Porém, tal homem

insistiu em insultá-lo por todo o dia, enquanto ele permaneceu insensível.

Chegou a noite e, en m, o insolente que dedicou o dia a atormentá-lo precisava

voltar para casa. Então, Péricles ordenou que ele fosse acompanhado com uma

tocha, para não perder uma oportunidade de honrar sua loso a.[13]

Um homem irritado com Euclides de Mégara[14] tinha jurado que lhe arrancaria a vida. Ao que Euclides respondeu con ante que, por sua vez,

conseguiria amansá-lo para torná-lo seu amigo. uão útil seria lembrar desses

exemplos quando somos tomados pela raiva. Pois não seria preciso ouvir a

sentença de um poeta trágico: «A cólera levanta nossas mãos contra os

inimigos.» Fechemos, pois, o coração para a cólera, ou, se isso não for possível,

que ao menos a razão ponha um freio nessa paixão para impedir que ela vá além

dos limites. Mas vejamos mais alguns exemplos de ações virtuosas.

Certa vez, um homem se lançou violentamente contra Sócrates que, sem oferecer resistência, deixou o furioso homem aplacar sua ira a ponto de sair com o

rosto inchado por causa dos golpes. uando tudo se acalmou, Sócrates se

contentou em escrever em sua testa: «Obra de um tal», como fazem os escultores

com suas estátuas.[15] Assim ele respondeu àquela agressão. Como esses atos de paciência estão de acordo com os nossos princípios, é bom imitá-los. A atitude de

Sócrates tem muita relação com o preceito que diz: ao invés de nos vingarmos

quando ferem-nos a face, devemos apresentar a outra [Cf. Mt 5,39].[16] Já a ação de Péricles, à luz dos princípios do Evangelho, implica em suportar aqueles que nos

perseguem, sofrer a sua ira, e desejar o bem dos inimigos [Cf. Mt 5,44]. Instruídos

por esses exemplos, não mais serão encarados como impossíveis os preceitos do

cristianismo.

Não posso deixar de louvar a sabedoria de Ale-xandre, que tendo em seu poder as lhas de Dario, que eram belíssimas, sequer quis vê-las, pois acreditava

desonrar sua vitória se cedesse aos atrativos das mulheres após ter vencido os

homens.[17] Esta atitude de Alexandre parece estar de acordo com aquela máxima do Evangelho: quem olha para uma mulher com desejos libidinosos, embora não cometa realmente o adultério, não está isento do crime, pois já admitiu a concupiscência na sua alma [Cf. Mt 5,27-28].

Tenho di culdade em me persuadir que foi por acaso, e não por uma intenção formal, que Clínias, um dos discípulos de Pitágoras, observou elmente

um dos nossos preceitos. E qual deles? Bem, ele teria podido, fazendo

juramento,

evitar perder uma soma de três talentos. Mas preferiu pagar o que lhe reclamavam

no lugar de fazer um juramento, ainda que estivesse conforme à verdade. Ele

tinha, parece-me, compreendido a defesa que fazemos de não jurar por motivo

algum. [Cf. Mt. 5,37 + 2Cor 1,17-19 + Tg 5,12]

3Cf. Homero, *Odisséia*, canto XII – NT.

4No texto em grego há o acréscimo: «alinhando as pedras ao cordão»; trata-se de um provérbio dórico.

5«Adquirir a miséria, mesmo que seja em abundância/ é fácil; plana é a rota e perto ela reside. / Mas diante da excelência, suor puseram os deuses / imortais, longa e íngreme é a via até ela, / áspera no início, mas depois que atinges o topo / fácil desde então é, embora difícil seja» – versos 287-292 (Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*; ibid.) – NT.

6Ulisses, que comandava os cefalenianos. Pode-se ver na *Odisséia*, livro VI, a maneira pela qual foi recebido pelos feacianos.

7Citando Teógnis de Mégara, antigo poeta grego, no verso 316 dos fragmentos de suas obras que chegaram até nós – NT.

8Ibid.; verso 157 – NT.

9Este excerto de Pródico não chegou até nós senão por Xenofonte, que o cita na obra *Memoráveis*, livro II, 21-34 – NT.

10Mestre do coro, na tragédia e comédia antigas, o qual exercia a função de principal representante do povo e de intermediário entre os coreutas e as personagens principais (*Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2ª Edição) – NT.

11Eurípedes, na tragédia *Hipólito* (I.612) – NT.

12Platão, na *República*, 361a – NT.

13Péricles foi uma das personalidades mais in uentes do século V a.C. da Grécia Antiga. Estadista, exímio orador e general, teve seu governo conhecido como a Era de Ouro de

Atenas. Plutarco, na sua obra *Vidas Paralelas*, conta-nos que ele colocava os interesses da *pólis* acima dos seus próprios, chegando, por vezes, a suportar em silêncio as injúrias dos inimigos. O caso narrado por São Basílio também consta nesta obra de Plutarco (5.2)– NT.

14Discípulo de Sócrates e fundador da escola de Mégarica.

15Não se sabe qual a fonte dessa história narrada por São Basílio, mas Plutarco conta que «todas as vezes que Sócrates percebia sua alma agitada por alguma emoção, e prestes a romper contra alguns de seus amigos, abrandava, por meio de um generoso esforço, o tom de sua voz dando ao rosto um ar festivo e risonho. Eis como o lósofo reprimia os primeiros movimentos da imperiosa paixão que pretendia dominá-lo» (*Sobre os Meios de Reprimir a Cólera*, 455a-b). Se considerarmos que no seu julgamento, Sócrates aceitou o veredicto injusto por saber, em primeiro lugar, que sua defesa era inútil àquele tribunal, e encarando a morte como algo justo para ele mesmo, manteve-se el à sua loso a quando fez a sua defesa com um único propósito: estabelecer a verdade – NT.

16Outro grande exemplo é o de São Filipe Néri que, pedindo esmolas para ajudar os meninos pobres que auxiliava, tomou um soco de um homem que se sentiu importunado. Respondeu-lhe: «Este é para mim, agora dê algum dinheiro para os meus meninos.» – NT.

17Plutarco, *Vidas Paralelas*: Alexandre; XXXVIII e XXXIX: «Mas, como Alexandre, em minha opinião, estimava ser coisa mais real vencer-se a si mesmo do que derrotar os inimigos, não tocou em nenhuma, nem em outras moças ou mulheres, antes de desposá-las [...].» – NT.

Mas retornemos ao que vinha dizendo. Devemos selecionar tudo o que é útil, mas não indiscriminadamente. Entre os alimentos, tomamos o cuidado de

rejeitar aquilo que nos é prejudicial. Da mesma forma não escolheremos aquilo

que é prejudicial à nossa alma? Evitemos ser como uma torrente que no seu curso

vai arrastando tudo o que encontra. Um piloto não abandona sua embarcação ao

capricho dos ventos, mas a conduz segundo as regras de sua arte. O carpinteiro ou

o ferreiro trabalham cada um conforme as regras das suas pro ssões. Ora, seria

diferente conosco? Os trabalhadores braçais têm um objetivo que os dirige ao

trabalho; a vida humana também tem um objetivo pelo qual devemos dirigir

nossas palavras e ações, evitando que nos tornemos semelhantes aos bárbaros. Se

não agimos para um m especí co, nosso espírito, como um barco desgovernado,

utuará sem rumo. Para os combates e até mesmo para a música devemos nos dedicar a exercícios preparatórios que nos levarão a obter a coroa prometida.

Porém, é preciso dizer que aquele que se exercitou na luta não se apresentará para

tocar a auta ou a lira. O famoso Polidamas, antes de se apresentar aos jogos

olímpicos, parava carros em movimento para, assim, aumentar sua

força. Mílon,[18]

de pé sobre um escudo azeitado, não poderia ser arrancado do lugar. E, qualquer

esforço que se empregasse, ele mantinha-se inabalável como uma coluna xada

com chumbo. Assim, os exercícios desses homens eram preparações para o

combate. Se, ao invés dos exercícios de luta, ocupassem-se dos talentos de Mársias

e Olimpo,[19] longe de adquirirem a glória e as coroas, teriam se tornado ridículos!

Timóteo[20] jamais abandonou a música para viver nos ginásios.[21] Não foi assim que conseguiu prevalecer sobre todos os músicos do seu século, pelo contrário!;

dizem que ele era tão hábil na sua arte que chegava a provocar, quando queria, a

indignação através de sons graves e austeros, e logo depois acalmava com os sons

mais suaves. Foi assim que, dizem também, tocando a lira diante de Alexandre, segundo o modo frígio, animou-o de tal maneira que o fez levantar bruscamente e pegar as armas no meio de um banquete. Mas depois, suavizando o tom, acalmou-

o a ponto de fazê-lo dedicar sentimentos mais afetuosos a seus convidados. En m,

tal é a e cácia dos exercícios, seja nas lutas, seja na música, para se atingir os objetivos propostos.

Mas prossigamos com nosso raciocínio. Somente depois de muito exercício, de um árduo trabalho nos ginásios, aumentando suas forças e dedicando-se a

combates particulares, é que os atletas estão preparados para a disputa. Ou seja,

somente depois de muito se dedicar a um regime severo que dê a eles o preparo

exigido para os combates decisivos é que podem tentar ser coroados vencedores. E

nós, que nos propomos a receber prêmios tão admiráveis, de grandeza

inexprimível, poderíamos adquiri-lo sem qualquer esforço? Uma vida covarde e

preguiçosa merece algum tipo de elogio? Seria como dar mérito à vida de um

Sardanápalo[22] ou de um Margites[23] que Homero (supõe-se que ele seja seu autor) nos apresenta como um idiota que não sabia manejar o arado e nem a enxada,

sendo incapaz até mesmo de se ocupar de qualquer dos trabalhos necessários para

a vida. Então, não seria mais verdadeiro dizer, com Pítaco,[24] que é verdadeiramente difícil ser um bom homem? Com efeito, após ter muito

trabalhado, tudo o que podemos obter é uma felicidade que mal se pode

comparar com a de que se falava anteriormente. Pois nada, nem que se juntassem

todas as coisas deste mundo, poderia lhe ser comparável. Não devemos, portanto,

nos entregar à preguiça, tampouco sacri car as grandes esperanças pela satisfação

de um momento. Isso nos expõe a uma confusão e também às penas eternas, não

apenas diante dos homens – que já seria bastante grave para uma pessoa sensata –,

mas nos lugares onde o Soberano Juiz exerce sua justiça, seja na terra, seja em qualquer outro lugar do universo. Ele poderá tratar favoravelmente aqueles que

pecam pela imprudência ou pela fraqueza, mas aqueles que pecam pela malícia,

escolhendo conscientemente a pior das escolhas, verão recair a si mesmos as

súplicas das mais rigorosas.

18O famoso Mílon de Crotona. Pausânias narra o mesmo feito desse robusto atleta. Polidamas, de quem ele fala anteriormente, não era menos conhecido.

19Mársias e Olimpo, dois célebres autistas. Olimpo era da Mísia. A fábula conta que Mársias foi um sátiro que ousou desa ar Apolo e foi punido por essa audácia.

20O célebre poeta e músico grego Timóteo de Mileto (447 - c. 357 a.C.) – NT.

21No texto original: «palestras», que na Grécia e na Roma antigas era o lugar para exercício de luta ou de ginástica – NT.

22Sardanápalo, rei da Assíria, célebre por seu luxo e por sua indolência.

23*Margites*, poema cômico sobre um herói atrapalhado. Aristóteles, na *Arte Poética* (13.92) atribui este poema a Homero, embora outros atribuam sua autoria a Pigres de Halicarnasso.

24Pítaco de Mitilene, um dos sete sábios da Grécia (650-570 a.C.)

CAPÍTULO V

O que fazer então?, perguntar-me-íeis. É preciso cuidar da alma, mas sem negligenciar todo o resto. Não se incomodar com o corpo além do necessário,

pois não somos seus escravos. Devemos trabalhar para o bem da nossa alma,

livrar-nos das paixões que nos aprisionam, acostumando o corpo a resistir aos

próprios desejos. Sim, é preciso atender às necessidades da carne, mas sem nos

tornar servos da sensualidade, a exemplo daqueles que dedicam-se a imaginar as

delícias para depois percorrer todos os con ns da terra e dos mares para pagar uma espécie de tributo a um mestre deplorável e imperioso. Os que assim agem

são miseráveis a si mesmos, e são tão atormentados nesta vida quanto os ímpios

que estão no inferno, condenados a cortar a chama com uma espada ou a levar

água num crivo para encher um barril furado, sem jamais ver o m de suas

penas.[25] Segundo Diógenes, ter um cuidado excessivo com a cabeleira e com as roupas é uma desgraça ou até mesmo um crime.[26] Sim, ser entusiasta dos adornos é tão vergonhoso quanto ser indecoroso ou adúltero. Ademais, o que importa a

um homem de bom senso estar revestido por roupas suntuosas, ou não mais do

que simples vestes, desde que elas garantam proteção às intempéries das estações?

É preciso evitar o supér uo, e trabalhar o corpo apenas no que interesse à alma.

Um homem verdadeiramente digno deste nome deve se envergonhar quando se

preocupa em demasia com a cabeleira e o corpo, na medida em que abandona-se

livremente a todos os outros vícios, dedicando-se diligentemente ao bem-estar do

corpo, sem se conhecer a si mesmo, sem compreender o sábio axioma que nos diz

que aquilo que se vê do homem não é o homem de fato: é-nos preciso uma

sabedoria superior para conhecer a nós mesmos, e tudo ca difícil quando o olho

do entendimento não está são, ainda mais difícil do que quando os olhos do

corpo estão doentes para olhar ao sol.

Ora, é preciso que puri queis vossas almas, para dizer o mínimo, ainda que em poucas palavras, desprezando os prazeres dos sentidos, não alimentando os

olhos com espetáculos vãos que levam todos a se perder em ilusões, evitando,

en m, coisas e pessoas que acendam o fogo da concupiscência, e também jamais

admitindo que, pelos ouvidos, entrem na alma os sons que a corrompem. Pois

uma música efeminada faz nascer os vícios dos mais vergonhosos e baixos.

Devemos procurar uma música mais útil, que nos inspire sentimentos virtuosos,

tal como Davi, que com sua harpa tocava divinamente as músicas sacras e fazia

acalmar a fúria de Saul. Dizem que um dia Pitágoras[27] encontrou homens bêbados bastante animados, vindos de um banquete onde se haviam entregado a

copiosas libações, e pediu ao músico que marchava à frente para mudar o tom e

cantar somente no modo dórico. Isso os acalmou de tal modo que jogaram suas

coroas no chão e deram meia volta, dirigindo-se para suas casas bastante confusos.

Podem-se ver outros que se agitam ao som de autas como coribantes ou

bacantes,[28] tanto que há diferença entre uma música honesta e uma música licenciosa. Devemos, então, evitar aquelas que dominam os nossos dias, da mesma

forma que se evitam os vícios mais vergonhosos.

Constrange-me ter de advertir que não se deve espalhar no ar fragrâncias de todas as espécies apenas para agradar o olfato, e ainda menos esfregar essências no

corpo. O que dizer, então, dos prazeres do toque e do gosto, senão que aqueles

que os procuram são escravos que vivem como animais a satisfazer seus ventres e

os apetites dos mais grosseiros?

Em suma, é preciso desprezar o corpo se não quisermos nos afundar nas volúpias, assim como se afunda no lamaçal. Seu cuidado não deve exceder além

daquilo que pode ser útil à sabedoria. É o que dizia Platão[29] e está de acordo com o que o Apóstolo Paulo nos advertiu sobre não satisfazer os desejos da carne [Cf.

Rm 13,14], no temor de acender em nós os maus desejos. Os que têm cuidado

excessivo com o corpo e negligenciam, como não tendo valor, a alma,

assemelham-se àqueles que muito amam os instrumentos de uma arte, sem ao

menos se dedicar à arte a qual eles servem. É preciso o quanto antes castigar o

corpo e domá-lo como a um animal feroz. E a razão nos serve de freio para conter

os movimentos tumultuosos que se agitam na alma. Não deixemos as rédeas soltas, para que o espírito não seja impulsionado pelas paixões, assim como um cocheiro é arrastado por cavalos indóceis.

Lembremos das palavras de Pitágoras que, vendo um de seus discípulos entregando-se à boa mesa e ganhando muito peso, disse-lhe: « uando deixará de

preparar a si mesmo uma prisão tão severa?» Também de Platão, que

sabia o

quanto o corpo pode prejudicar a alma: dizem ter ele escolhido propositalmente

um lugar insalubre para a sua Academia para podar os confortos do corpo,[30] assim como se poda uma videira quando ela tem folhas em excesso. Eu mesmo já ouvi

um médico dizer que o excesso de saúde é perigoso.

Seria então uma evidente loucura o cuidado excessivo do corpo, dado que esta cautela prejudica tanto este quanto a alma. Se nos habituarmos a desprezar o

corpo, não seremos mais afetados pelas coisas humanas. ual nos será a

necessidade de riquezas, se abdicarmos dos prazeres corporais? Não vejo qualquer

uma, a menos que se busque o prazer, como os dragões das fábulas, guardiões de

tesouros enterrados. Aqueles que têm aprendido a não mais ser escravos das

paixões se privarão de desonrar sua conduta e seus discursos com coisas vis e

vergonhosas. Tudo o que é supér uo, seja nas areias da Lídia[31] ou nos trabalhos das formigas que carregam ouro,[32] será cada vez mais desprezível aos olhos daqueles que passam a sentir menos necessidades, pois deixarão de regrar o uso

das coisas segundo os prazeres. E quem quer que não siga esta regra é conduzido

pelo vício ao precipício sem que possa parar. uanto mais tem, mas irá querer

para satisfazer os desejos, segundo a sentença de Sólon, lho de Execéstides, que

disse: «Aos mortais não há limites para o desejo de riqueza.»[33] Teógnis também pode nos servir de mestre: «Não amo nem desejo as riquezas,

contento-me

apenas com uma vida isenta de dor.» Não posso deixar de admirar Diógenes por

ter desprezado todas as coisas humanas, dizendo que era mais rico do que o

grande rei,[34] a nal para viver necessitava de menos coisas do que ele. Porém, a nós não bastam todos os ouros, todas as terras e todo o rebanho de Pítio Mísio;[35]

ainda que tivéssemos tudo isso, não nos seria su ciente. Todavia, sou da opinião

de que não se devem desejar as riquezas que não se têm, mas quando se tem

alguma, que se saiba usar bem aquilo que se possui, seguindo as palavras de Sócrates que dizia admirar mais um homem que sabia usar bem suas riquezas do que um que apenas se envaidece por tê-las.[36]

Se Fídias e Policleto[37] mostrassem-se orgulhosos do ouro e do mar m usados na estátua de Júpiter da cidade de Eléia, e de Juno na cidade de Argos, estariam, em verdade, orgulhando-se das riquezas estrangeiras e desprezando a

arte mesma que deu valor a todo aquele ouro e mar m. E isso seria ridículo.

Então, nós que cremos que a virtude humana não é su cientemente ornamentada

por ela mesma, podemos nos imaginar livres de qualquer reprovação?

Mas não é su ciente desprezar as riquezas e os prazeres, se buscamos falsos elogios e adulações, se imitamos a astúcia e as artimanhas de raposa de

Arquíloco.[38] Um homem sábio deve sempre evitar a glória vã e o desejo de agradar ao povo. Tomando a razão como guia, deve permanecer no caminho reto a buscar

o objetivo que julgar melhor, sem desviar-se por conta das contradições dos

homens, nem pelos insultos, tampouco pelos perigos. O que não possui tais

sentimentos é semelhante àquele feiticeiro egípcio que se metamorfoseava em

planta, besta, fogo, água, ou qualquer outra forma que desejava.[39] Da mesma forma, um farsante que muda dependendo das circunstâncias e das pessoas com

quem se relaciona: louvará a justiça enquanto estiver com os justos, mas, língua

dupla, mudará o discurso quando estiver em meio aos escroques. Semelhante a

um camaleão, muda de idéia conforme a vontade dos seus pares.[40]

Embora pareça que eu tenha me desviado do assunto, tudo isso se pode aprender nos nossos Livros Sagrados. Porém, a literatura profana nos ajuda a

traçar o primeiro esboço da virtude. Tudo aquilo que se pode reunir a partir de

todos os lados e parecer útil pode ser comparado a córregos que, com seus cursos

de águas, enchem um rio.

A máxima de Hesíodo, de que as riquezas se adquirem pouco a pouco, como tesouros acumulados a partir de pequenas somas,[41] servem também para as ciências. Bias respondeu a seu lho, que partia para uma viagem ao Egito, ao

perguntar-lhe o que deveria fazer para mais agradá-lo: «Agradar-me-á se você

acumular provisões para a velhice.» Por provisões ele quis dizer virtude, que

ocupa muito pouco espaço, considerando a sua utilidade à vida humana. Em

verdade, quando se conta os anos de Titono,[42] de Argantonio,[43] ou mesmo os de Matusalém, que viveu quase mil anos, ainda que se reúna todo o tempo que se

passou desde que fora criado o primeiro homem [Cf. Gn 5,27], poder-se-ia rir

disso, como se faz com uma idéia pueril, a nal se o comparamos com a duração da

vida futura é impossível imaginar o seu m, pois o contrário seria supor que a alma pode acabar quando, na verdade, ela é imortal. Então, aconselho-vos a fazer

provisões para essa grande viagem, sem nada negligenciar daquilo que nos ajudará

a chegar a nossa verdadeira pátria. Se o caminho oferece di culdades e fadigas,

não vos desencorajeis. Lembrai-vos que procuramos escolher o melhor plano de

vida, e con amos que o hábito nos ajudará a suportar todas as penas. E não

percamos o presente, no qual somos mestres, lamentando-se do passado, quando

todos os lamentos são desnecessários e inúteis. É preciso apenas se arrepender e

prosseguir no caminho da virtude.[44]

Neste tratado estão algumas verdades que acredito serem muito úteis, das quais sempre se poderá colher ainda mais frutos. Não deixarei de vos oferecer

outras à medida que o momento se apresente. Agora, como as enfermidades são

de três tipos, de acordo com o grau de sua doença, colocai-vos em

guarda contra

as do terceiro tipo, ou seja, as mais incuráveis, que são as doenças da alma.

Algumas pessoas são atacadas por males corporais que, quando não muito graves,

encontrarão por si o remédio; outras, mais graves, levam as pessoas indispostas à

procura de um médico e, dependendo da gravidade, é o médico que vem visitá-las.

Porém, há quem seja atacado por uma espécie de melancolia sombria na alma,

recusando-se a se tratar. Temei ser como estes, rejeitando os sábios conselhos.

25Segundo a fábula grega, esta foi a pena imposta às lhas de Dânao, rei de Argos, que tinham assassinado seus maridos e por isso foram enviadas ao Hades, condenadas a carregar água e despejá-la num tonel sem fundo (*Apolodoro* II. 1.5) – NT.

26Diógenes, o Cínico; esta mesma frase a ele é atribuída por Diógenes Laércio [em *A vida dos filósofos mais ilustres*].

27Cícero narra mais ou menos o mesmo fato com o mesmo Pitágoras.

28Coribantes, sacerdotes de Cibele, celebravam as festas dessa deusa batendo tambores, pulando, dançando e correndo para todos os lados como dementes. E sabe-se com quais loucuras as mulheres, chamadas bacantes, celebravam as festas de Baco.

29Diálogos de Platão: *Fédon* (67a): «E enquanto vivermos, não nos aproximaremos da verdade enquanto não nos afastarmos do corpo; renunciemos a qualquer comunicação com ele naquilo que não seja estritamente necessário; não permitamos que ele nos ocupe de sua corrupção natural, mas conservemo-nos puros de suas manchas, até que a própria divindade venha nos libertar.» – NT.

30Porfírio relata, no terceiro século a.C., que «Platão escolheu a Academia para viver, um lugar que não era somente solitário e isolado da cidade, mas também, segundo dizem, nada saudável» (*Sobre a abstinência*, livro I, 36); alguns autores contestam dizendo que nem Diógenes Laércio nem Plutarco zeram comentários a respeito. – NT

31As douradas areias Rio Pactolo, na Lídia, atual Turquia. Segundo as antigas lendas gregas, foi onde o Rei Midas se lavou para livrar-se da maldição que se havia tornado o seu dom de

transformar tudo o que tocasse em ouro. Entre os gregos, era um símbolo da ambição humana – NT.

32Trata-se, sem dúvida, das formigas da Índia das quais fala Heródoto no seu livro terceiro das *Histórias*: formigas tão grandes quanto as raposas, que escavam a terra como as outras, e que, para fazer suas tocas, carregavam areia repleta de grãos de ouro.

33O verso citado no texto em grego se encontra em *Teógnis*, verso 227, com uma ligeira diferença.

34Por 'grande rei', os gregos referiam-se sempre ao rei da Pérsia.

35Parece que esse Pítio é o mesmo que consta no sétimo livro das *Histórias* de Heródoto: «o homem mais rico que já se viu». Mas, segundo o historiador, ele era oriundo da Lídia.

36Parece ser a discussão contida nos parágrafos 280-281 do diálogo *Eutidemo* de Platão sobre o bom uso das riquezas. Já o Salmo 50(49) proclama: «O homem rico e sem inteligência é como um animal que perece.» – NT.

37Os mais célebres escultores do período clássico da Grécia Antiga – NT.

38Arquíloco, conhecido por suas poesias satíricas. Tinha composto fábulas nas quais a raposa desempenhava o papel principal.

39Segundo Heródoto, tratava-se de um rei do Egito com esse poder de metamorfose. Na mitologia grega foi chamado de Proteu, um deus marítimo que tomava diversas formas – NT.

40No original: «muda como um polvo»; Plutarco se serve dessa mesma comparação no seu tratado contido nas suas *Obras Morais*: «Como Distinguir um Adulador de um Amigo» (53a). Pareceu-me mais claro falar do camaleão – NT.

41*Os trabalhos e os dias*; v. 361-362, *op. cit.*: «Pois se um pouco sobre um pouco puseres / e repetidamente o zeres, logo grande cará» – NT.

42Titono, lho de Laomedonte. Segundo a mitologia grega, era um modelo de beleza, tanto que Aurora, deusa do amanhecer, por ele se apaixona e convence Zeus a lhe dar a imortalidade. Porém, esquece-se de pedir que ele tenha também uma juventude eterna. Titono passa a envelhecer e Aurora perde por ele o encanto. Já muito velho, por ela é preso num quarto escuro até que, por m, transforma-se numa cigarra – NT.

43Argantonio, o último rei dos Tartessos, apontada pelos gregos como a primeira civilização do Ocidente. Segundo Heródoto, viveu 120 anos.

44A preocupação excessiva com o passado, lamentando-se constantemente, tende a insu ar-nos de remorso, angustiando-nos cada vez mais, causando confusões e incertezas. Arrepender-se é nada mais do que admitir os erros, confessar-se, pedir o perdão a Deus, e esforçar-se para não mais cometê-los. Ensina-nos o Catecismo: «O movimento de regresso a Deus, pela conversão e arrependimento, implica dor e aversão em relação aos pecados cometidos, e o propósito rme de não tornar a pecar no futuro. Portanto, a conversão refere-se ao passado e ao futuro: alimenta-se da esperança na misericórdia divina. » (CIC, 1490) – NT.

HOMILIA SOBRE O DESAPEGO

DAS COISAS MUNDANAS [1]

Temia, meus irmãos, ao repreender-vos sempre com muita rmeza, tornar-me um fardo a cada um de vós, assemelhando-me a um homem que fala com mais liberdade do que convém a um estrangeiro, ou a alguém sujeito às mesmas

imperfeições. Mas as reprimendas que me permito dedicar-vos apenas reanima o

amor que tendes por mim. Os golpes dos meus discursos parecem acender ainda

mais o vosso ardor, e nisso não há nada de surpreendente. Sois sábios nas coisas

espirituais, e assim diz Salomão nos Provérbios: «Repreenda o sábio e ele vos

amará.» [Pr 9,8] Por isso, caríssimos, volto à mesma exortação, já tantas vezes pronunciada, a m de vos arrancar das garras do diabo, pois o inimigo da verdade

ataca-nos todos os dias e por todos os lados, tanto pela força quanto pelas

artimanhas das mais vis. Ele nos combate, como sabeis, pelos nossos próprios

desejos, servindo-se das nossas fraquezas para nos prejudicar. Porém, como o seu

poder está sujeito às leis indissolúveis estabelecidas pelo Senhor, não é permitido

ao espírito maligno destruir totalmente o gênero humano; desse modo, ele se vale

das nossas imprudências para nos impor sua vitória. E da mesma forma como os

malfeitores e os bandidos que enriquecem apropriando-se daquilo que pertencem

aos outros, estão acostumados, quando não podem vencer simplesmente pela

força, a armar emboscadas nas partes mais escuras e sombrias dos caminhos,

escondendo-se dos viajantes que são atacados de súbito, ainda antes que os

possam perceber. Nosso pior inimigo age da mesma forma: Satanás esconde-se

nas sombras das volúpias mundanas que, no caminho da vida, são próprias para

ocultar suas brigadas que nos cercam, a m de se lançar sobre nós

inesperadamente, plantando em nossos pés as armadilhas da perdição.

Devemos, portanto, estar atentos se desejamos percorrer o caminho desta vida em segurança, oferecendo a Jesus Cristo nossos corpos e nossas almas livres de qualquer mácula, sem que sejam des guradas por qualquer ferida vergonhosa.

É necessário manter os olhos da alma bem abertos, suspeitando de todas as coisas que possam nos seduzir e passando por elas rapidamente sem a elas se apegar, sem

que tomem conta dos nossos pensamentos e nossos desejos, ainda que as riquezas

estejam prontas a cair nas nossas mãos: «quando a vossa riqueza prospera , disse Davi, não ponhais nela vosso coração!» [Sl 62(61),11] E mesmo que a terra nos produza toda sorte de delícias e nos mostrem tendas suntuosas, lembremos

daquilo que nos disse São Paulo: «Nossa vida é no céu, donde esperamos o

Senhor Jesus.» [Fp 3,20] Mas ainda que passemos nossos dias em festins,

banquetes, jogatinas, danças ou concertos de músicas: «Vaidades das vaidades, diz

o sábio, tudo não passa de vaidade.» [Ecle 1,2] Às vezes, o pecado também pode a

nós se apresentar em belos corpos habitados por almas corrompidas: «Fuja do

pecado como se foge de uma serpente» [Eclo 21,2], diz o sábio; e também nos

oferece principados, poderes, tropas de criados que nos sirvam, comitivas de

aduladores que nos aplaudem, promessa de algum trono brilhante e elevado, pelo

qual avassalam-se voluntariamente nações e cidades: «Toda criatura é como a erva

e toda a sua glória como a or dos campos!» [Is 40,6], disse o Profeta. Em

verdade, debaixo de todas essas enganações esconde-se o inimigo comum,

esperando que, seduzidos pelas coisas visíveis, nos desviemos do caminho reto,

atraídos para sua emboscada. É preciso temer que caiamos nas suas armadilhas,

que sejamos persuadidos de que os prazeres que a nós se apresentam não são de

todo perigosos. Não engulamos o anzol escondido numa isca e, em seguida, em

parte por nossa vontade e em parte pela violência da necessidade, sejamos

acorrentados aos objetos sensíveis e, por m, a volúpia nos encerre na temível

caverna do bandido, isto é, a morte. Desse modo, meus irmãos, é útil e necessário

a todos nós preparar-nos como os viajantes, buscando de toda forma tornar nossas

almas mais leves, apressando-nos, sem nos desviar por um instante, pelo caminho

reto que nos levará à salvação.

E que ninguém me acuse de inventar palavras novas, por chamar a vida do homem de caminho. Pois o Profeta Davi assim o fez: «Felizes os íntegros em seu

caminho, os que andam conforme a vontade do Senhor!» Também ele, rogando

ao Senhor, disse: «Afasta-me do caminho da mentira, e dá-me a graça da tua vontade. Escolhi o caminho da verdade e me conformo com as tuas normas.» [Sl 119 (118), 1 + 29-30] Para agradecer a Deus pela ajuda imediata contra os seus inimigos, tocando sua harpa em tom de alegria, disse: «Há outro Deus além do

nosso? Ele me cinge de força, que tornou meu caminho puro e inocente.» [Sl 18

(17), 32-34] En m, por toda a parte, sob o nome de caminho, designa-se a vida

do homem, seja ela virtuosa ou infame. Aqueles que empreendem uma longa

viagem aumentam seus passos, movendo os pés com muita rapidez e, sem parar,

apressam-se para chegar o quanto antes ao nal de suas jornadas. Assim, todos

aqueles que o Criador trouxe para esta vida, imediatamente e desde o princípio,

atravessam o tempo a caminhar até que cheguem ao m último de suas vidas. A

vida presente não parece uma longa rota contínua, distinta pelas diferentes épocas

e estações? Entra-se nesta rota no momento em que se deixa o ventre da mãe, e

chega-se ao m dela quando se desce à sepultura, onde, invariavelmente, cedo ou

tarde todos chegaremos. Pode-se evitar, caso se queira, os caminhos que

conduzem de uma cidade a outra. Porém, o caminho da vida, ainda que se queira

dilatar ou mesmo abreviar, terá o prazo marcado pelo Senhor. Sim, meus irmãos,

do momento em que entramos pela porta que conduz a esta via, só nos resta

absolutamente chegar ao seu m. Cada um de nós, a partir do momento em que

deixou o seio materno, liga-se ao curso do tempo, deixando sempre para trás cada

dia vivido sem poder voltar ao dia que passou.

Alegramo-nos à medida que avançamos. Encantamo-nos quando

transportados de uma época a outra, como se adquiríssemos alguma vantagem.

Enchemo-nos de alegria ao passar da infância à idade adulta, até chegar à velhice.

Jamais paramos para pensar que cada dia vivido, na verdade, encurta a nossa vida;

parecemos não sentir que ela se dissipa a cada instante; en m, não a medimos

senão pelo tempo que passou, sem dar atenção ao que é incerto, pois não sabemos

qual a quantidade de tempo que nos fora concedido para seguir nosso caminho,

até que as portas se abram a cada um de nós. Devemos, então, estar sempre

preparados para partir, e aguardar vigilantes o beneplácito do Senhor: «Tende os

rins cingidos e as lâmpadas acesas. Sede semelhantes aos que esperam seu senhor

voltar das núpcias, a m de que, quando ele chegar e bater, seja-lhe logo aberta a porta. Felizes os servos que o senhor à sua chegada encontrar vigilantes.» [Lc 12, 35-37]

Não examinamos com a devida atenção quais as cargas mais leves para essa nossa viagem, ou seja, quais as coisas mais úteis a esta e também à outra vida.

Também somos negligentes no exame das cargas pesadas, ligadas a este mundo,

que devido à sua própria natureza não podem acompanhar seus donos quando

esses passarem pela porta estreita [Cf. Mt 7,13-14]. Na ignorância, abandonamos

aquilo que seria preciso colher, para colhermos aquilo que se deveria abandonar.

Acabamos por desconhecer as coisas que poderiam ser absorvidas, que poderiam

ornamentar a nossa alma e também o nosso corpo; porém, se desviarmos os olhos

para as coisas que nos servem apenas para nos cobrir com uma perpétua infâmia,

percebemos quanto esforço é feito para amontoá-las, esforço este que nos ocupa

com trabalhos inúteis, tal como aqueles que vivem de ilusões e dedicam-se a

encher um barril furado.[2]

Creio que até mesmo as crianças saibam que os objetos mais agradáveis desta vida não têm donos, embora, curiosamente, são estes mesmos que os homens

buscam com tanta paixão.[3] Tais objetos são alheios tanto àqueles que os apreciam quanto àqueles que deles são absolutamente privados. Pois, ainda que haja alguns

que tenham acumulado muitas riquezas nesta vida, sabemos que não

permanecerão com elas para sempre. Por mais que as escondam, elas acabam,

desaparecem, passam a outras mãos. uando não é assim, chega-se a hora da

morte e é preciso abandoná-las de forma de nitiva. E, aos que cam diante desta

inevitável separação, restará apenas passar os olhos nas suas riquezas, lembrar-se

das duras penas vividas para acumulá-las, e, por m, considerar que passarão a

outros, deixando apenas o lamento de terem sido consumidos pelo trabalho a m

de enriquecer, além de contaminados pelo crime da avareza. uando um homem

possui várias propriedades, magní cos palácios, numerosos rebanhos de todas as

espécies, en m, enquanto se está envolto por todo o poder humano, jamais se

julgará vantajosa a eternidade; mas isto é nada mais do que apegar-se a ilusões,

pois podem ser considerados ricos por algum tempo, mas não demorarão a ver

todos os seus bens cedidos a outros, tendo que se contentar apenas com alguns

palmos de terra. Muitas vezes, mesmo antes de serem encerrados no túmulo, verão toda sua prosperidade passar a estranhos, quiçá a seus inimigos. uantas heranças, quantos palácios, cidades e nações não temos visto mudar de donos?

uantos escravos temos visto tornarem-se senhores, reduzindo seus antigos mestres a meros servidores? Ora, as coisas humanas não mudam subitamente de

face tal como nos jogos de azar?

uantas coisas imaginamos para beber e comer, quantos e tantos re namentos que uma insolente riqueza inventou para satisfazer um ventre

ingrato, que jamais guarda aquilo que lhe é con ado? Enquanto camos

constantemente ocupados em lhe servir, teremos tempo para dedicar a nós

mesmos? As suculentas carnes e todas as bebidas, após terem agradado por um

breve momento o nosso gosto, deixando algum sabor no paladar, tornam-se

imediatamente supér uas e inconvenientes: apressamo-nos a expeli-las, porque

colocariam a nossa vida em risco caso permanecessem nas nossas entranhas. Em

verdade, a intemperança tem causado a morte de um grande número de homens,

ou, pelo menos, tem sido incapaz de garantir qualquer coisa boa para o futuro.

Os comércios vergonhosos, as indecências e imoralidades, todos os excessos aos quais nos levam às raias da concupiscência, não causam, de fato, um dano

manifesto à nossa natureza? Não mudam nosso temperamento,

consumindo

nossas forças? Depois de ter saciado desejos infames, quando o crime consumado

diminui a paixão, e a alma volta-se a si mesma depois da embriaguez, na calma ela

re ete sobre o abismo onde se meteu, arrependendo-se de seus excessos, porque

sente que o corpo está abatido e fraco, incapaz de cumprir suas funções habituais.

Eis porque os treinadores prescrevem leis severas aos jovens atletas, protegendo

seus corpos da volúpia, não lhes permitindo sequer olhar aos rostos das belas

mulheres, se desejosos tiverem de coroar suas cabeças e sagrarem-se campeões,

visto que, sem dúvida, os excessos não os levarão à vitória, pelo contrário, farão

com que sejam expostos tão somente ao ridículo.

Devemos, portanto, abandonar e mesmo evitar dirigir os olhos a todas essas coisas vãs que só servem para nos corromper. Por outro lado, e ao mesmo tempo,

devemos nos ocupar e dedicar toda a nossa atenção a tudo aquilo que para nós é

verdadeiro. E, se vos perguntarem o que é verdadeiro para nós, respondei-lhes sem

hesitar: é a alma que nos dá a vida, o ser espiritual, inteligente, que não necessita de nenhuma dessas coisas que a sobrecarrega; e o corpo que à alma foi dado pelo nosso Criador como um veículo para esta vida. Eis, então, o homem: uma alma

unida a um corpo feito exclusivamente para ela. É assim que o sapientíssimo

Criador do universo o forma no seio maternal e, então, chegado o tempo do

nascimento, dá-se à luz este homem, constituído para reinar sobre a natureza,

submetendo as criaturas para o exercício de sua virtude [Cf. Gn 1,28]. Desse

modo, é imposta a lei para imitar seu Criador, tanto quanto possível, e representar

na terra a vida celeste. Assim é para quem deixa este mundo e é chamado ao outro;

e o homem apresenta-se no tribunal do Deus que o enviou para prestar contas e

onde cada um receberá a retribuição segundo suas obras. O empenho na prática

da virtude nos torna mais puros e espontâneos, pois está de acordo com a nossa

própria natureza.[4] As virtudes são nossas éis companheiras que nunca nos abandonam nem nos desamparam, ainda que passemos por di culdades nesta

dura vida, desde que, regrando nossas vontades, não deixemos que os vícios nos

sejam introduzidos. As virtudes, portanto, nos servem de guias para nos conduzir

à vida eterna, colocando aqueles que as possuem entre os anjos, resplandecendo

por toda a eternidade aos olhos de Deus [Cf. Jó 34,11 + Pr 24,12 + Eclo 16,13 +

Is 59,18 + Rm 2,6 + Hb 11,6 + 1Pd 1,17 + Ap 22,12].

> uanto às riquezas, os poderes, as glórias e as delícias, en m, todos esses luxos que a cada dia aumentam nossa insensatez, não entrarão conosco na vida

eterna; ninguém jamais as levará consigo, conforme outrora disse um justo: «Nu

saí do ventre de minha mãe e nu para lá voltarei.» [Jó 1,21]

Aquele que é sábio cuidará muito bem da sua alma e jamais negligenciará qualquer meio de conservá-la pura e intacta: por mais que o corpo sofra a fome ou

a sede, o frio ou o calor, que seja atacado por enfermidades ou qualquer outro mal,

nada o incomodará, pois dentre todos os males que possam acometê-lo, terá

sempre em conta as palavras do Apóstolo: «[...] Não nos deixamos abater. Pelo

contrário, embora em nós, o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o

homem interior se renova dia a dia.» [Cf. 2Cor 4,16] Em vista dos perigos que

ameaçam nossa vida, o sábio não temerá, proclamando com con ança: «Sabemos

que, se a nossa morada terrestre for destruída, Deus nos dará no céu um edifício,

uma morada eterna, que não será feita por mãos humanas.» [2Cor 5,1] E ainda que se queira tratar o corpo como o único bem necessário à alma, como um instrumento imprescindível para viver na terra, será preciso apenas preocupar-se com necessidades básicas para conservá-lo saudável a ponto de permitir-lhe servir

à alma, evitando sempre os excessos que o tornem insolente. E, percebendo sua

inclinação aos desejos imoderados e prejudiciais, prescrevemos o preceito de São

Paulo: «Nós nada trouxemos para o mundo, nem coisa alguma dele podemos

levar. Se temos, portanto, alimento e vestuário, devemos estar contentes com

isso.» [1Tm 6,7-8] Decerto, repetindo incessantemente essas palavras a nosso

corpo, torná-lo-emos mais dócil, mais leve para a viagem que nos levará ao céu,

servindo de maior ajuda para o desempenho daquelas funções mais convenientes

à nossa salvação. Caso contrário, se permitindo a insolência, permitindo que o

corpo se torne obstinado e rebelde como um animal selvagem, que, como um

pesado fardo, nos atraia de forma violenta para a terra, permaneceremos

prostrados e gemendo em vão. E, quando nos apresentarmos diante de Deus,

quando Ele nos perguntar sobre os frutos da nossa viagem, por Ele concedida,

nada poderemos apresentar, senão enormes lamentos, já que habitaremos as trevas

eternas, acusando os prazeres e as delícias que nos seduziram por nos terem

roubado o nosso tempo de salvação. Nossas lágrimas já serão em vão. « uem vos

glori cará no inferno?» [Sl 6(7),6], diz Davi.

Portanto, tenhamos muita cautela para não sermos sufocados pelas vontades que podem nos levar à perdição. Se alguém, deslumbrado com o brilho das

riquezas amontoadas injustamente, ou que tenha sujeitado sua alma às

inquietudes de natureza infame e lasciva, cuja mancha não é fácil de

apagar, ou

ainda que tenha caído em outros crimes; que a todos eles renunciem enquanto há

tempo, livrando-se dos fardos funestos, antes que seja tarde e já se esteja

irremediavelmente perdido. ue descarregue o navio antes de ser engolido pelas

ondas, lançando ao mar essas mercadorias que sequer nos pertence. Imitemos os

marinheiros que, tendo suas embarcações carregadas, mas ameaçados por uma

violenta tempestade, privam-se de uma grande parte da carga a m de evitar que

as ondas possam submergir o navio, e então, o quanto antes e sem vacilar, lançam

ao mar o que podem, tornando a embarcação mais leve para se sustentar sobre as

ondas, garantindo, desta forma, a salvação dos homens embarcados. Eis como todos devemos agir! E a nós é ainda mais conveniente, pois eles, quando desfazem de suas mercadorias, tornam-se mais pobres para não perderem a vida; já nós, quanto mais nos livramos das cargas perniciosas, mais enriqueceremos nossas

almas. Pois ao descarregar nossos pecados, eles deixam de existir, desaparecem

diante de nossas lágrimas, substituídos, graça de Deus, pela santidade e pela

justiça, que são leves demais para que sejam submersas pelas ondas.

> uanto às nossas riquezas, se delas abrirmos mão, longe de serem perdidas, passam para navios mais seguros, isto é, aos mais necessitados. Então, chegam com

segurança ao porto de destino onde serão guardadas, tornando-se para

nós

motivos de glória.

Em vista disso, meus irmãos, tomemos a humanidade para nós. Se queremos que nossas riquezas nos sejam proveitosas, devemos fazê-las chegar a muitos

outros que as receberão com alegria, e que as depositarão no seio do Senhor, em

cofres invioláveis onde «não há traças nem ferrugem que as corroam, nem ladrões

que furtam ou roubam» [Mt 6,20]. Façamos que nossos bens se estendam aos

mais necessitados; não desviemos os olhos aos Lázaros de nossos dias, não lhes

neguemos as migalhas que caem de nossas mesas, que são su cientes para saciá-los

[Cf. Lc 16,20]. Não imitemos a crueldade do rico mau, para que não sejamos

condenados, como ele, às chamas eternas. Pois ainda que imploremos o socorro de

Abraão e de todos os santos, será inútil, pois «se o irmão, diz Davi, não redime

seu irmão, um simples homem o redimirá?»[5] Ora, não peçais a compaixão que não tivestes com os outros! Não queirais receber as coisas boníssimas, quando

recusastes repartir outras menores. Desfrutai daquilo que acumulou durante a

vida; chorai, então, já que não tivestes compaixão de vosso irmão a quem vistes

chorar: eis o que vos dirão, e com muita justiça! Temo ainda que vos digam isso

com palavras mais ásperas, pois seríeis ainda mais culpados do que o rico mau.

Não, não é para salvar nossas riquezas que desprezamos nossos semelhantes

estendidos no chão; não é para deixá-las aos lhos ou parentes que tapamos os

ouvidos às súplicas dos necessitados; no entanto, é para as consumirmos em

despesas infames, recompensando e incentivando o mal, através de uma

liberalidade perigosa, àqueles que ainda não se dedicam a ele. uantos, sejam

homens ou mulheres, sentam-se ao redor de mesas fartas dos ricos para se divertirem com palavras, olhares e gestos obscenos que lhes acendam o fogo da luxúria? Uns fazem provocações picantes, a m de provocar o riso naqueles que os convidaram; outros os enganam com falsos elogios. Um magní co banquete,

vantajoso não apenas pelas coisas que lá os convidados possam consumir, mas

também pelos ricos presentes que trazem consigo. Assim, acabamos por achar

melhor bajular os ricos do que praticar a virtude. E, se um pobre aparece à nossa

vista, mal nos podendo falar por estar abatido pela fome, temos horror, embora

ele compartilhe da nossa natureza. En m, ele nos causa desgosto e por ele

passamos apressados, como se sua miséria fosse contagiosa. Se a vergonha do seu

estado miserável o faz baixar a cabeça, acanhado talvez de pedir e manifestar sua

miséria, então chamamo-lo de hipócrita! E, se agir com liberdade e con ança,

estimulado mesmo pela violência da fome que sente, temo-lo por insolente,

atrevido, desavergonhado. Se estiver ainda coberto com boas roupas, a ele dadas

por alguma alma caridosa, será tomado como um avarento que dissimula pobreza

e necessidade. Mas se, ao contrário, vestir-se com andrajos, dele nos afastamos

ainda mais por causa do mau cheiro que exala. Então, ainda que suplique em

nome de Deus, seria em vão; de nada adiantaria implorar ao céu para que nós os

livrássemos de tais infortúnios, pois ele não pode dobrar nossa alma impiedosa.

Isso é o que me faz temer que venhamos a ser precipitados nas chamas

devoradoras tal como o rico mau.

Se o tempo me permitisse, e se tivesse talento para tanto, explicar-vos-ia toda a história do rico do Evangelho, segundo ensina a Tradição. Mas é tempo de

liberar-vos, pois já vos cansei demais. Se por falha de minha memória a minha

boca deixou alguma coisa a dizer, complementai vós mesmos, e aplicai os

remédios que julgais mais adequados a vossas almas, pois as Escrituras nos

ensinam: «Dá ao sábio e ele se tornará ainda mais sábio; ensina ao justo e sua sabedoria aumentará.» [Pr 9,9] E São Paulo ainda nos diz: «Poderoso é Deus

para encher-vos com toda a graça, para que tendo sempre e em todas as coisas o

necessário, tenhais ainda de sobra para todas as boas obras.» [2Cor 9,8]

Mas, para encerrar este discurso, alguns de nossos irmãos me encorajam a falar do milagre que Nosso Senhor nos fez ontem. De fato, não poderia passar em silêncio frente à vitória que Ele impôs ao demônio, uma ocasião para o regozijo, para cantar os hinos de alegria e glórias ao Senhor.

O demônio novamente fez sentir os efeitos de seu ódio e, armando-se do fogo, atacou o seio da Igreja. Novamente, essa nossa Mãe comum venceu. Desta

vez voltou contra o inimigo as suas próprias armas, visto que ele não lhe dava outra vantagem além de demonstrar o ódio que lhe consome. Mas um vento

contrário conteve a violência impetuosa do nosso inimigo, e o templo nada

sofreu. A tempestade levantada pelo espírito maligno sequer pôde mover a pedra

sobre a qual Jesus Cristo edi cou a morada de seu rebanho. Aquele que outrora

extinguiu as chamas da fornalha da Babilônia veio em nosso socorro. [Cf. Dn 3,1-

30] uanto não deve gemer o demônio ao ver que todos os seus esforços restam

inúteis? Este inimigo irreconciliável fez acender o fogo perto da igreja e as

violentas chamas espalharam-se por toda parte, devorando tudo o que a sua ira

alcançava, e não teria poupado a casa sagrada, fazendo-nos participantes dessa

calamidade. Porém, o Salvador rebateu o fogo sobre aquele que o havia acendido,

que recebeu a paga merecida pela sua loucura. Esse cruel adversário, o demônio, já

havia esticado o arco, mas fora impedido de lançar suas echas. Ou, melhor

dizendo: disparou o arco, mas as echas se voltaram contra a sua própria cabeça,

fazendo ele mesmo experimentar as lágrimas amargas que tinha preparado a nós.

Além disso, nós mesmos podemos agravar suas feridas, redobrando a sua a ição. Digo-vos como fazê-lo, caríssimos.

Alguns, pela graça de Deus, foram poupados da violência do fogo, mas tiveram salvas apenas suas vidas, nada mais lhes restou! Nós, que não fomos

atingidos pela desgraça, devemos partilhar com eles nossos bens; devemos abraçar

nossos irmãos que, pela graça, tiveram suas vidas preservadas, mas agora se

encontram necessitados. Digamos a cada um deles: «Este teu irmão estava morto,

mas já voltou à vida; estava perdido e foi encontrado.» [Lc 15,30] Daremos,

então, roupas para nossos semelhantes vestirem; consolaremos aqueles que

sofreram as desolações do demônio, para que ninguém sinta os efeitos da sua

malícia e nem pareça, ainda que ele tenha conseguido impingir algum dano, que o

mal tenha sido tão grande, e que ele saiba que não triunfou nos seus ataques; que ele veja que, mesmo retirando os bens dos nossos irmãos, foi derrotado pela nossa generosidade para com aqueles que ele

despojou.

A vós, irmãos, que escaparam à morte, não vos a igis com o excesso de vossos males, não vos deixeis abater pela desgraça, mas dissipai a tristeza que vos

abateis, fortalecei vossas almas com sentimentos generosos, pois vós triunfastes na

adversidade e, se não perderdes a coragem, estareis mais fortalecidos pela fé;

saireis mais brilhantes do fogo, tal como ouro puro, e assim confundireis o

inimigo que cará no desespero por não ter movido uma lágrima, malgrado todos

os males que dedicou-vos com sua malícia.

Lembremos da paciência de Jó. Dizei a vós mesmos: «Nu saí do ventre de minha mãe, nu voltarei. O Senhor deu, o Senhor tirou: bendito seja o nome do

Senhor! Assim seja!» [Jo 1,21] ue vossos infortúnios não vos ponham a pensar

ou a dizer que não há a Providência que tudo governa neste mundo; tampouco

deveis culpar a conduta e os juízos do Senhor, mas lançai os olhos naquele el

servo de Deus, e bene ciai-vos dos seus conselhos. Considerai todos os combates

a que ele adentrou, dos quais ele saiu vitorioso, todos a que ele fora lançado pelo

demônio, sem lhe poder ferir mortalmente. O espírito maligno pode ter

arrancado todos os seus bens, e pensava arruiná-lo o quanto mais com

notícias

ainda mais deploráveis. Enquanto um mensageiro anunciava uma desgraça, outro

chegava anunciando uma ainda maior. Os infortúnios se seguiam, como as ondas

que se empurram umas às outras. Mal tinha tempo para enxugar as lágrimas,

chegava a ele uma notícia que o fazia chorar. Semelhante a uma rocha onde batem

as ondas, o justo permaneceu inabalável, e enviou ao Senhor aquelas palavras

cheias de reconhecimento: «Nu saí do ventre de minha mãe, nu voltarei. O

Senhor deu, o Senhor tirou: bendito seja o nome do Senhor! Assim seja!»

Nenhuma das suas desgraças pareceu-lhe digna de suas lágrimas. Somente quando

lhe vieram anunciar que uma tempestade havia destruído a casa onde seus lhos

festejavam, e que todos tinham sido esmagados pelos escombros, ele rasgou suas

vestes, manifestando, de modo natural e compassivo, que era um pai que amava os

seus lhos. Mas ainda que este golpe nal o tenha atingido violentamente, teve

forças para proferir as palavras: «Nu saí do ventre de minha mãe, nu voltarei. O

Senhor deu, o Senhor tirou: bendito seja o nome do Senhor! Assim seja!» Ele parecia dizer: fui chamado pai por todo o tempo que agradou Aquele que me tornou pai. Ele quis me tirar a coroa da paternidade; não me oponho a que Ele

retome aquilo que é seu. Ele é o Criador da raça humana, a quem

todos nós

devemos obediência. uanto a mim, sou nada mais do que um instrumento e um

servo; por que haveria de contrariar suas ordens absolutas? Por que haveria de me

queixar daquilo que não tenho o poder de evitar? Então, com essas palavras, como

se fossem echas, o justo venceu o demônio. E quando este nosso inimigo

percebeu que Jó não podia ser abalado por algum desses males, e que havia sido

por ele vencido, passou a atacá-lo de outra maneira: cobriu todo o seu corpo com

feridas terríveis e asquerosas, de onde saíam vermes em abundância, derrubando-o

do alto de sua nobreza para a mais vil indigência. Mas todas essas calamidades não

puderam abalar a convicção de Jó: ainda que seu corpo fosse dilacerado, guardava,

no fundo de sua alma, o tesouro de sua piedade, alheio a toda sorte de ataques.

O demônio, já não sabendo mais o que fazer, lembra-se de seu mais conhecido estratagema: inspira na mulher de Jó os pensamentos mais ímpios.

Trazendo-a para blasfemar contra Deus, serviu-se dela para tentar minar as forças

de um guerreiro invencível. Vencida, e cedendo às tentações, apresentou-se ao seu

esposo, prostrando-se em terra, levando as mãos à cabeça diante de seu estado

miserável, e o fez lembrar a antiga prosperidade em contraste aos infortúnios

presentes. Apresentou um retrato dessas tristes mudanças e perguntou-lhe qual

recompensa havia recebido do Senhor por toda entrega e sacrifícios. En m, ela

lhe dirige um discurso digno de uma mulher frágil, capaz de perturbar os homens

e demovê-los de sua coragem. «Vagueio agora, ela disse, como uma escrava,

havendo sido antes uma rainha. Dependo da vontade de meus criados, estou

abandonada a seus cuidados e generosidade, eu que era su cientemente rica para

alimentar uma multidão. Seria preferível – continuou – arrancar-te a vida a

lamentar ao Senhor! Antes aguçar a sua ira pelas blasfêmias do que prolongar,

com tua paciência, as penas desse combate a ti mesmo e à tua esposa.» Tais

palavras ofenderam profundamente a Jó, ainda mais do que todos os males que

houvera sofrido. Então, com seus olhos cheios de indignação, voltou-se para a sua

mulher como se ela fosse um inimigo: «Por que falas como uma insensata? Não

prossiga com semelhantes conselhos! Até quando, com essas palavras, ultrajarás nossa vida em comum? Tua insensatez recai sobre mim e me cobre de vergonha, pois vejo-me partícipe das tuas impiedades, já que o casamento fez de nós um só corpo. Tu caíste nas blasfêmias; ‘se recebemos os bens das mãos do Senhor, por

que não haveríamos de aceitar os males?’[6] Lembra da prosperidade da qual desfrutaste. Compensa as infelicidades de agora com as

felicidades de então.

Existe algum homem que seja constantemente afortunado? Somente em Deus a

felicidade é inalterada. Se tuas desgraças presentes te causam a ição, consola-te

com as vantagens que tiveste no passado. Agora choras, mas antes rias; agora és

pobre, mas já foste rica; com prazer bebeste outrora de fonte límpida: tem

coragem e sofre agora com paciência ao beber água turva e barrenta. As correntes

de um rio não são sempre claras e puras, e nossa vida assemelha-se a um rio que

corre sem interrupção, sempre cheio de ondas que se sucedem. Uma parte dessas

ondas já passou, outras ainda estão por vir; e todos caminhamos rapidamente para

o mar comum da morte. ‘Se recebemos os bens das mãos do Senhor, por que não

haveríamos de aceitar os males?’ Por acaso obrigamos o Soberano Juiz a nos

dispensar sempre de igual forma as felicidades? Por acaso conosco aprenderá o

Senhor como governar o curso de nossas vidas? Ora, n’Ele estão os desígnios;

n’Ele estão as leis que regem nossas coisas, pois Ele é in nitamente sábio, Ele é a

Verdade! Somente Ele sabe o que é útil aos seus servos. Não queiras esquadrinhar

os juízos do Senhor; submete-te às disposições de sua sabedoria. Recebe com

alegria tudo aquilo que Ele a ti envia. Mostra, nas a ições, que és digna da

prosperidade e da alegria que outrora tiveste.» E foi assim que Jó respondeu ao

último ataque do demônio e, com uma nova vitória, cobriu-lhe de opróbrio.

E o que aconteceu em seguida? Curou-se a doença que havia sido inútil para abalar a obstinação do el servo Jó. Seu corpo, então, oresceu com toda a saúde,

e as suas riquezas dobraram em sua casa, uma parte para restabelecer suas perdas, e

outra para recompensar a paciência deste homem justo. Mas por que recebeu em

dobro seus cavalos, suas mulas, seus camelos, suas ovelhas, suas terras, en m, todas

as suas riquezas, enquanto que, em relação aos lhos, recebeu exatamente os nove

que havia perdido? É porque todos os seus rebanhos e riquezas passageiras haviam

sido perdidas inteiramente, mas seus lhos ainda viviam na melhor parte de si

mesmos. Assim, recebendo do Criador outros lhos e lhas, também dobrou esta riqueza perene. Uns que viviam, faziam a alegria da vida seus pais; os outros, isto é, os que haviam morrido, esperavam seu pai quando o Juiz dos vivos e dos mortos reunir toda a raça humana em seu tribunal. uando as trombetas anunciarem a

presença do Rei Supremo, ecoando com maior força nos sepulcros, Ele pedirá o

depósito dos corpos. Então, aqueles que agora parecem mortos aparecerão tão

depressa quanto os vivos diante do Criador do Universo. Creio ter sido por isso

que, havendo o Senhor dobrado todas as riquezas de Jó, era o bastante dar-lhe

lhos em número igual aos que havia tido antes.

Percebeis quão grandes são as vantagens que o bem-aventurado Jó tirou de sua paciência? Pois aqueles que dentre vós tiverem sofrido qualquer prejuízo

causado pelas chamas levantadas pelo demônio, sofram com paciência suas

perdas. ue as tristezas sejam atenuadas por pensamentos confortantes, como as

palavras de Davi: «Descarrega o teu fardo no Senhor, e Ele cuidará de ti. Ele jamais permitirá que o justo venha a tropeçar». [Sl 55(54),23]

A Deus Nosso Senhor, toda a honra e toda a glória por todos os séculos dos séculos. Assim seja!

1 A fonte desta tradução é a edição *Homélies Discours et Lettres de S. Basile le Grand*, tradução de Monsenhor L'Abbé Auger, vigário geral da diocese de Lescar, membro da Academia de Belas Artes de Rouen, publicada em Lyon, Guyot-Librairie – Editeur, 1827.

2Como já vimos, segundo a fábula grega, esta foi a pena imposta às lhas de Dânao, rei de Argos, que haviam assassinado seus maridos e por isso foram enviadas ao Hades, condenadas a carregar água e despejá-la num tonel sem fundo (*Apolodoro* II. 1.5) – NT.

3Vale lembrar o que nosso Santo diz no seu discurso aos jovens, citando Teógnis de Mégara (fragmento 316): «Porém, a virtude é o único bem que não nos pode ser tirado, é o único bem que acompanha o homem na vida e também na morte. Decerto, tal era o sentimento de Sólon, quando aos ricos disse: 'Jamais trocaremos vossas riquezas pela virtude, porque esta em nós permanece para sempre, ao passo que a propriedade dos bens materiais passa de um homem para outro'.»; pp. 41,42 – NT.

4O m último do homem é tomar parte no Supremo Bem, através da visão beatí ca, isto é, contemplar Deus na sua in nita bondade. Assim, o homem tem

uma inclinação natural ao bem, e o pecado é o desvio do caminho que conduz ao seu m último, podendo levar à separação de nitiva do Supremo Bem, que é Deus, ou seja: a condenação eterna – NT.

5Sl 48,8. Na Vulgata: « *ater non redimit, redimet homo non dabit Deo placationem suam*». Noutras versões: «O homem não pode comprar seu próprio resgate, nem pagar a Deus o preço de si mesmo.» – NT.

6Jó 2,10 – «Falas, respondeu-lhe ele, como uma insensata. Aceitamos a felicidade da mão de Deus; não devemos também aceitar a infelicidade? Em tudo isso, Jó não pecou por palavras.»

HOMILIA SOBRE A HUMILDADE [1]

Se o homem tivesse conservado a glória na qual Deus o criara, sua elevação seria real e não imaginária. Ele seria glori cado pelo poder do Altíssimo, instruído

pela sua própria sabedoria. Dessa forma poderia desfrutar das bênçãos da vida

eterna. Mas, desde que renunciou à glória do Senhor, tem desejado de forma

ambiciosa uma outra que jamais poderia alcançar, pondo a perder aquela que está

a seu alcance. Agora, o seu único recurso, o único meio de curar sua doença e restabelecer a dignidade perdida, é através dos sentimentos humildes. Isto não

quer dizer que se deva imaginar um mero aparato de glória em si mesmo, mas

buscar glori car-se em Deus. Somente assim o homem corrigirá seus erros e

curará sua doença: apressando-se para voltar ao preceito divino do qual se afastou.

O demônio fez o homem apegar-se à esperança de uma falsa glória e não cessa em atormentá-lo por esse mesmo motivo, empregando diversos artifícios

para surpreendê-lo: ele o deslumbra pelo brilho das riquezas, de modo que receba

aplausos e, ao mesmo tempo, desperte a inveja por aumentá-las. Contudo, as

riquezas, incapazes de levar à bem-aventurança, trazem consigo um perigo real

para aqueles que a ela se expõem. Acumulá-las pode inspirar a

ganância e,

portanto, já não serve para a elevação do espírito. Constantemente, ela cega os homens, torna-os insolentes, produzindo nas suas almas um efeito semelhante

àquele da in amação do corpo. O corpo inchado e muito quente não é sinal de

saúde, pelo contrário, é um sinal de perigo de algo que pode causar a morte. O

orgulho tem um efeito bastante semelhante à alma.

Mas não é apenas pela riqueza que o homem se envaidece. Além da pompa da qual ele se cerca e gosta de ostentar, das mesas suntuosas das quais pode se servir, das vestimentas magní cas e das belas casas que constrói e decora – ou ainda do grande número de servidores e da multidão de aduladores que traz consigo –, o lugar que ocupa pode depender da aprovação e dos caprichos do povo, e isso pode dar margem a uma arrogância sem limites. Se o povo lhe confere uma distinção, nomeando-o a um desses cargos elevados, ele pensa estar acima do

gênero humano; imagina-se andando nas nuvens, desmerecendo os outros,

levantando-se contra aqueles a quem deve a sua nomeação. Insensato! Mal pode

perceber que toda essa glória que o reveste é ainda mais ligeira do que um sonho,

que todos os aplausos que recebe não são mais do que ilusões, pois tais glórias e

tais aplausos são feitos e destruídos pelos meros caprichos do povo. Assim se deu

com o extravagante lho de Salomão, ainda mais jovem de espírito do que de

idade. Ameaçava tratar o povo de forma mais dura ao invés de com ele ser mais

amável e benevolente. [Cf. 1Rs 12] Então, desta forma perdeu seu reino: por

conta da mesma ameaça pela qual ele esperava reinar com mais autoridade, assim

também perdeu a dignidade que havia herdado de seu pai.

A habilidade das mãos, a agilidade dos pés, os prazeres do corpo, que re etem o triunfo das paixões e as amarras do tempo, enchem o homem de

orgulho e con ança, afastando-o da re exão sobre toda criatura ser «como a erva

e toda a sua glória como a or dos campos! A erva seca e a or fenece». Assim

eram os gigantes orgulhosos e também o insensato Golias que estava a desa ar

Deus. Ou ainda Adonias que estava orgulhoso de sua beleza e Absalão que

idolatrava sua longa cabeleira. [Is 40,6-7 + Cf. Gn 6,4 Sb 14,6 + Cf. 1Sm 17 + Cf.

1Rs 1,5 + Cf. 2Sm 14,26]

E a sabedoria e a prudência, que de todos os bens humanos parecem ser os maiores e mais sólidos, também podem inspirar o orgulho através de uma falsa

grandeza – e tanto a sabedoria quanto a prudência para nada servem quando

separadas da Sabedoria de Deus. As ciladas que o demônio prepara contra o

homem não o farão vencer. Com suas artimanhas ele amaldiçoa mais a si mesmo

do que aquele a quem ele deseja afastar de Deus. Ele está traindo a si

mesmo; nutre, cada vez mais, maiores sentimentos de revolta contra Deus, pois vê-se

condenado a uma morte eterna. Portanto, encontra-se apanhado na armadilha

que havia montado contra o Senhor: sacri cando-O na cruz onde Ele esperava ser

cruci cado, e fazendo sofrer a morte que Ele desejava sofrer.

Mas se o príncipe deste mundo, este espírito invisível, este grande e primeiro mestre da sabedoria mundana, se encontrou preso pelas suas próprias armadilhas,

se caiu por si mesmo na extrema loucura, o que diríamos de seus discípulos e

seguidores? Por mais hábeis que sejam, «jactando-se de possuir a sabedoria,

tornaram-se tolos» [Rm 1,22]. O Faraó que havia calculado, de forma muito

hábil, a perda do povo de Israel, jamais poderia prever o obstáculo que

impossibilitaria todos os seus objetivos: uma criança que deveria morrer em

função das suas ordens, criada secretamente em seu próprio palácio, destruiu o

poder do soberano e de toda a sua nação, salvando o povo de Israel. O homicida

Abimelec, lho bastardo de Gedeão, ordenou um massacre contra seus setenta

irmãos, acreditando que assim asseguraria o poder soberano [Cf. Jz 8-9]. Depois,

voltou-se contra aqueles que o ajudaram na carni cina, fazendo-os seus inimigos,

e, por m, veio a morrer por uma pedra atirada por uma mulher em sua cabeça.

Os judeus, segundo um raciocínio que criam muito sábio, tomaram partido

contra o Senhor, o que fora desastroso a eles mesmos: «Se o deixamos assim,

todos crerão nele e os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação.»

[Jo 11,48] Com esta justi cativa resolveram, a m de salvar sua nação, levar Jesus

Cristo à morte. Assim eles se perderam; assim foram expulsos da própria nação e

privados de suas leis e sua religião.

Poderia provar por mais uma in nidade de exemplos como a sensatez humana pode se tornar enganosa, limitando a visão mais do que se imagina. Por

mais esclarecidos que estejamos, não devemos nos orgulhar nem da sabedoria

nem de alguma outra vantagem, mas seguir o sensato conselho da bem-aventurada

Ana [*Cântico de Ana*. Cf. 1Sm 2,1-10] e do profeta Jeremias: « ue o sábio não se glorie de sua sabedoria, que o valente não se glorie de sua valentia, que o rico não se glorie de sua riqueza!» [Jr 9,23]

Mas então de quê o homem pode se gloriar? Em quê ele é grande? «Mas, aquele que quer gloriar-se, glorie-se disto: que ele tenha inteligência e me

conheça, porque eu sou o Senhor que pratico o amor, o direito e a justiça na terra» [Jr 9,24], Deus o diz pela boca do mesmo profeta. A grandeza do homem,

sua glória e sua dignidade consistem em conhecer Aquele que é, de fato, glorioso!;

unir-se a Ele, buscando a glória no Senhor da glória. Diz-nos o

Apóstolo: «Ora, é por ele que vós sois em Cristo Jesus, que se tornou para nós sabedoria proveniente de Deus, justiça, santi cação e redenção, a m de que, como diz a Escritura, aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.» [1Cor 1,30-31]

Portanto, a verdadeira e a perfeita maneira de nos gloriarmos em Deus é não nos orgulharmos da nossa justiça, mas de reconhecer que por nós mesmos somos

privados da justiça verdadeira, e que não somos justi cados senão pela fé em Jesus

Cristo. São Paulo se gloriou no desprezo de sua própria justiça, e foi nesta

disposição que ele procurou a glória que nasce da fé em Jesus Cristo, aquela que

vem de Deus pela fé, pela qual ele conheceu Nosso Senhor, pela qual ele conheceu

a virtude de sua Ressureição e a participação em seus sofrimentos.[2] E, conforme morria para si, esforçou-se a alcançar a bem-aventurança da ressurreição dos

mortos. [Cf. Fl 3,9 sq] Deste modo vem tombar toda a grandeza do orgulho, e já

não vos resta nada, ó homens, para que possais vos exaltar, dado que toda a vossa

glória e toda a vossa esperança consistem em morti car tudo o que está em vós

para buscar a vida que vos une a Jesus Cristo. Vida esta que, desde o princípio,

fora-nos dada aqui na terra: vivemos somente pela bondade e pela graça de Deus.

Sim, «pois é Deus quem opera em vós o querer e o operar, segundo a sua

vontade» [Fl 2,13]. Pelo seu Espírito, Deus nos revela a sabedoria que destinou

para a nossa glória [Cf. 1Cor 2,7-10]. Deus nos dá a força para os trabalhos, como

nos diz São Paulo: «trabalhei mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus

que está comigo» [1Cor 15,10]. Deus afasta-nos dos perigos de qualquer

esperança estritamente humana:

> *Recebíamos em nós mesmos a nossa sentença de morte, para que a nossa confiança já não se pudesse fundar em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos. Foi Ele que nos libertou de tal morte e nos libertará; n'Ele depositamos a esperança de que ainda nos libertará da morte.* [2Cor 1,9-10]

Pergunto-vos, então: por que vos orgulhais das vantagens que possuís, ao invés de render graças Àquele de quem tendes recebido todos esses dons? Ou,

como pergunta São Paulo: «Pois quem te distingue? ue possuis que não tenhas

recebido?» [1Cor 4,7] Não conheceis a Deus por vossa própria virtude, mas

porque Deus quis vos conhecer. «Mas agora, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por Deus», não fostes, por vossas próprias virtudes, elevados ao conhecimento de Jesus Cristo, mas o mesmo Jesus Cristo é quem a vós se manifestou quando veio ao mundo. «Não que eu já o tenha alcançado ou que já

seja perfeito, mas prossigo para ver se o alcanço, pois que também já fui alcançado

por Cristo Jesus» [Fp 3,12], diz o mesmo Apóstolo. E o Senhor mesmo

proclama: «Não fostes vós que me escolhestes, mas fui Eu quem vos escolhi.» [Jo

15,16] Seria, portanto, possível vos vangloriardes dessa honra que pela

misericórdia vos fora concedida?

Ora, se «tu estás rme pela fé; não te ensoberbeças, mas teme» [Rm 11,20], pois o julgamento sucede a graça. E o Soberano Juiz vos fará prestar contas das

graças que recebestes; se não podeis compreender que recebestes uma graça e que,

por um excesso de presunção zestes da graça um mérito, sabei: não sois mais

dignos aos olhos do Senhor do que São Pedro; não amaríeis o Senhor de forma

mais veemente do que esse Apóstolo, a ponto de querer morrer por Ele. Mas

mesmo São Pedro se permitiu dizer estas palavras presunçosas: «Ainda que todos

se escandalizem por tua causa, eu jamais me escandalizarei.» [Mt 26,33 sq]

Assim, foi abandonado à própria fraqueza e caiu na negação. Devido ao seu erro,

aprendeu a ser mais cauteloso e a regrar suas fraquezas e compreendeu

perfeitamente que, estando prestes a ser engolido pelas ondas, fora salvo pelas

mãos de Jesus Cristo, assim como, na tempestade do escândalo, fora salvo pelo

poder do mesmo Jesus Cristo que havia lhe prevenido daquilo que haveria de

acontecer:

> *Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para os peneirar como trigo; Eu porém, orei por ti, a fim de que tua fé não*

desfaleça. uando, porém, te con erteres, confirma teus irmãos. [Lc 22, 31-32]

Após repreender São Pedro, Jesus Cristo o forti cou na sabedoria, para que ele pudesse reprimir todo o sentimento de vaidade e aprendesse a regrar as suas

fraquezas.

Lembrai-vos do fariseu soberbo da parábola, que se enchia de con ança em si mesmo, e atacava abruptamente o publicano imprudente [Cf. Lc 18, 11-14]. Pelo orgulho, perdeu a glória da justiça, ao passo que o publicano foi para casa justi cado porque glori cou ao Senhor quando sequer ousou olhar para o céu e,

com humildade, bateu no peito condenando a si. ue este exemplo de um grande

mal causado pelo orgulho vos seja instrutivo: o fariseu orgulhoso perdeu a justiça,

sua presunção o afastou da recompensa, foi colocado abaixo do pecador humilde

porque se exaltou, presumindo estar salvo antes do julgamento de Deus.

A vós, digo: não vos coloqueis acima de ninguém, nem mesmo acima dos grandes pecadores. Muitas vezes a humildade salva aqueles que cometeram

grandes pecados. Jamais vos declareis justos a vós mesmos em prejuízo de um

outro, temendo que, justi cados por vossos próprios julgamentos, não sereis

condenados pelo julgamento de Deus. Como disse São Paulo: «Não julgo a mim

mesmo. Verdade é que a minha consciência de nada me acusa, mas

nem por isto

estou justi cado; meu juiz é o Senhor.» [1Cor 4,3]

En m, quando crerdes ter feito uma boa ação, rendei graças a Deus sem vos exaltar elevando-vos acima de vosso próximo. «Cada um examine a sua própria

conduta, e então terá de que se gloriar por si só e não por referência ao outro» [Gl

6,4], adverte São Paulo. Pois, que tenhais confessado a fé ou sofrido o exílio pelo

nome de Jesus Cristo, ou ainda sustentado austeros jejuns, qual a importância

disso chegar ao conhecimento do vosso próximo? Não é um outro que se

bene cia, mas vós! Temei, portanto, uma queda semelhante à do demônio, que

pretendendo elevar-se acima de tudo foi precipitado abaixo de todos. Do mesmo

modo se deu a queda dos israelitas: elevaram-se acima das nações que julgavam

impuras, mas se tornaram eles mesmos impuros, ao passo que as nações foram

puri cadas. Sua justiça era como panos imundos,[3] enquanto a iniquidade e a impiedade das nações eram apagadas pela fé. Em suma, lembrai-vos da bela

máxima dos Provérbios: «Se o Senhor escarnece dos zombadores, Ele concede a

graça aos humildes.» [Pr 3,34] Tenhais sempre nos lábios esta palavra do Senhor:

«Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.»

[Mt 23,12 + Lc 14,11 + Lc 18,14]

Não sejais, então, juízes de vós mesmos; porque o fazeis com muita benevolência, levando em conta o bem que credes pertencer-vos, e esquecendo

tão facilmente o mal; fácil é para vós aplaudir vossas boas ações de hoje, perdoando vossas faltas de ontem. Então, quando o presente vos inspirar o orgulho, lembrai-vos do passado, e vós restringireis a soberba. No caso de ver alguém próximo cair no pecado, pensai em tudo o que ele fez e ainda faz de bom,

e muitas vezes percebereis, examinando com muito cuidado a vossa própria

conduta, que essa pessoa é ainda melhor do que vós. Deus não examina o homem

em partes: «Eu virei, a m de reunir todas as nações e línguas» [Is 66,18], diz por

seu profeta. Repreendendo Josafá de um pecado que veio a cometer, não esqueceu

de lembrar as suas boas ações: «Todavia, foi encontrado em ti algo de bom.»

[2Cr 19,3]

Repitamos, sem cessar, essas re exões e outras semelhantes para combater o orgulho, humilhando-nos para que sejamos exaltados, imitando o Senhor que

desceu do alto dos céus na mais profunda humildade e que, pela mesma

humildade, foi elevado à mais alta glória. Toda a sua vida é para nós uma lição de

humildade: nascido num estábulo, sem ao menos uma cama, criado por um

simples artesão e uma mãe pobre, submisso a seu pai e sua mãe, ouviu

as

instruções que Lhe deram, ainda que não fosse necessário, e quando falava

escutavam-n'O com admiração devido a sua sabedoria. Pela própria vontade,

submeteu-se ao Batismo pelas mãos de João, ou seja, o Senhor foi batizado pelo

servo. Jamais se opôs àqueles que se levantaram contra Ele, e não os fez sentir seu

poder in nito, como se suas forças fossem superiores às deles. En m, cou

abandonado a uma autoridade passageira todo o poder do qual ela é suscetível.

Como um criminoso, foi posto diante dos sacerdotes e do governador, sofrendo

em silêncio as calúnias, mesmo podendo facilmente confundir seus caluniadores.

Depois de receber bofetadas e ter seu rosto coberto de escarros por vis escravos,

foi entregue à morte, e morte de cruz, a mais infame dentre as dos homens. Tal foi

sua vida mortal do começo ao m. Após tamanha humilhação, subiu aos céus

numa admirável e gloriosa ascensão, da qual zeram parte aqueles que haviam

compartilhado das suas humilhações. Entre esses, os primeiros foram os bem-

aventurados discípulos que, entregando-se a uma vida errante, percorreram o

mundo, atravessando terras e mares, pregando por toda parte, onde foram

atormentados, apedrejados, perseguidos e, en m, condenados à morte. Tais são os

divinos exemplos que temos diante dos olhos. Esforcemo-nos para imitá-los, a m de que a humildade nos traga a eterna glória, o dom perfeito e verdadeiro de Jesus Cristo.

Como, então, chegaremos a suprimir os movimentos tão prejudiciais do orgulho? E como podemos aumentar os sentimentos tão vantajosos da

humildade? Essas coisas se darão quando passarmos a exercer continuamente a

humildade, sem negligenciar nada daquilo que nos pode causar um mal maior. A

alma se modela, por assim dizer, e toma tal ou qual forma de acordo com seus

gostos e seus costumes. Assim, que todo o vosso exterior, vossos hábitos, vossa diligência, vossa alimentação, vossa habitação, vossa cama, vossa casa e toda a

mobília que nela se encontra sejam simples e modestas. ue vossas palavras,

vossos cantos e vossas conversas estejam livres de ostentações. Se falardes ou

cantardes em público, não demonstreis nem muito luxo nos vossos discursos nem

muita condescendência na vossa voz. Jamais entreis em disputas com orgulho e

vaidade. Subtraí, de tudo, aquilo que inspira grandeza e aparências. Sede corteses

com vossos amigos, amáveis com vossos servidores, pacientes com as pessoas

violentas, humanos com os humildes. Consolai os a itos, visitai os que estão

tristes, e não desprezeis pessoa alguma. Falai a todos com doçura, respondei

sempre de maneira agradável. Sede educados e afáveis com todos: evitai falar

favoravelmente de vós mesmos, e não disponhais de outros para fazê-lo. Jamais

vos permitais propósitos desonestos e reconhecei sinceramente vossos pecados, a

m de imitar o justo que começa por acusar-se a si mesmo [Cf. Pr 18,17]. E, para assemelhar-vos a Jó, que não temeria dizer diante da multidão se alguma maldade

tivesse cometido, que vossas reprimendas não sejam nem muito bruscas, nem

muito duras, e tampouco penosas, pois isso anuncia a arrogância [Cf. Jó 31,34].

Não se deve condenar os outros por pequenas falhas, como se fôssemos

perfeitamente justos. Tratai com bondade aqueles que caíram em qualquer

pecado, ajudando-os a se levantar com doçura, da forma como nos exorta o

Apóstolo, re etindo sobre vossas próprias vidas e temendo ser tentados da mesma

forma que eles [Cf. 1Cor 4,14-21].

Guardai-vos para não serdes glori cados diante dos homens. Lembrai-vos das palavras do Salvador sobre buscar a glória dos homens e fazer o bem apenas

para serdes vistos [Cf. Mt 6,2-5]. uem assim agir perderá a recompensa que vem de Deus. Portanto, não façais mal a vós mesmos querendo parecer justos aos olhos dos homens [Cf. 1Pd 5,3]. Dado que Deus é a grande testemunha de nossas ações, ambicionai a glória junto a Deus, que vos concederá uma magní ca recompensa

[Mt 20,25-28; 23,8]. Se estiverdes acima dos outros, se os homens vos glori cam e

vos honram, não vos diferencieis deles, tratai-os como iguais a vós mesmos, sem o

desejo de dominar a herança do Senhor [2Cor 1,24; 4,5], e sem tomar como

modelo os príncipes do século [1Ts 2,7]. O Senhor ordena àquele «que quiser ser

o primeiro, deve ser o servo de todos.» [Cf. Mc 10,44]

Para não mais me estender, digo em poucas palavras: praticai a humildade como deve fazer um homem que a ama. Amai esta virtude e ela vos levará à glória.

Eis o meio de alcançar a verdadeira glória, que está na sociedade dos anjos, junto a

Deus. Jesus Cristo vos reconhecerá diante dos anjos como a seus discípulos, e vos

glori cará se vos tornardes imitadores de sua humildade [Cf. Lc 12,8]: «Tomai

sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração,

e encontrarei descanso para vossas almas». [Mt 11,29]

A Deus Nosso Senhor, toda a honra e toda a glória por todos os séculos dos séculos. Assim seja!

1A fonte desta tradução é a edição *Homélies Discours et Lettres de S. Basile le Grand*, tradução de Monsenhor L'Abbé Auger, vigário geral da diocese de Lescar, membro da Academia de Belas Artes de Rouen, publicada em Lyon, Guyot-Librairie –Editeur, 1827.

[2]Deus agiu no Apóstolo Paulo, fazendo-o instrumento de sua Glória. Cf. At 9,15-16 – NT.

[3]Is 64,4-5 – [...] «Sim, tu te irritaste contra nós e, com efeito, nós pecamos, mas permaneceremos para sempre em teus caminhos e assim seremos salvos. Todos nós éramos como pessoas impuras, e nossas boas ações como pano imundo. Murchamos todos como pessoas impuras, e nossas transgressões nos levam como vento.»

PÓSFACIO

AUDIÊNCIA GERAL DO PAPA BENTO XVI

(em 1 de agosto de 2007)

Queridos irmãos e irmãs!

Depois destas três semanas de pausa, retomamos os nossos habituais encontros da quarta-feira. Hoje desejo simplesmente relacionar-me com a última

catequese, que tinha como tema a vida e os escritos de São Basílio, Bispo na atual

Turquia, na Ásia Menor, no IV século. A existência deste grande Santo e as suas

obras são ricas de temas de re exão e de ensinamentos válidos também para nós

hoje.

Antes de tudo há a chamada ao mistério de Deus, que permanece a referência mais signi cativa e vital para o homem. O Pai é «o princípio de tudo e

a causa de ser do que existe, a raiz dos vivos»,[1] e sobretudo é «o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo».[2] Remontando a Deus através das criaturas, nós «tomamos consciência da sua bondade e da sua sabedoria».[3] O Filho é a «imagem da bondade do Pai e sigilo de forma igual a ele».[4] Com a sua obediência e com a sua paixão o Verbo encarnado realizou

a missão de Redentor do homem.[5]

Por m, ele fala amplamente do Espírito Santo, ao qual dedicou um livro inteiro. Revela-nos que o Espírito anima a Igreja, enche-a dos seus dons, torna-a

santa. A luz maravilhosa do mistério divino re ete-se sobre o homem, imagem de

Deus, e eleva a sua dignidade. Olhando para Cristo, compreende-se plenamente a

dignidade do homem. Basílio exclama: «[Homem], conscientiza-te da tua

grandeza considerando o preço derramado por ti: olha para o preço do teu

resgate, e compreende a tua dignidade!»[6] Em particular o cristão, vivendo em conformidade com o Evangelho, reconhece que os homens são todos irmãos entre

si; que a vida é uma administração dos bens recebidos de Deus, pelos quais cada

um é responsável perante os outros, e quem é rico deve ser como um «executor

das ordens de Deus benfeitor».[7] Todos nos devemos ajudar, e cooperar como os membros de um corpo.[8]

E ele, nas suas homilias, usou também palavras corajosas, fortes sobre este ponto. De fato, quem segundo o mandamento de Deus deseja amar o próximo

como a si mesmo «não deve possuir nada mais de quanto possui o seu

próximo».[9]

Em tempos de carestias e de calamidades, com palavras apaixonadas o Santo Bispo exortava os éis a «não se mostrarem mais cruéis que as

feras, [...]

apropriando-se do que é comum, e possuindo sozinhos o que é de todos».[10] O

pensamento profundo de Basílio sobressai bem nesta frase sugestiva: «Todos os

necessitados olham para as nossas mãos, como nós próprios olhamos para as de

Deus, quando estamos em necessidade.» É muito apropriado o elogio feito por

Gregório de Nazianzo, que depois da morte de Basílio disse: «Basílio persuadiu-

nos de que nós, sendo homens, não devemos desprezar os homens, nem ultrajar a

Cristo, cabeça comum de todos, com a nossa desumanidade para com os homens;

antes, nas desgraças dos outros, devemos bene ciar a nós próprios, e fazer

empréstimo a Deus da nossa misericórdia, porque temos necessidade de

misericórdia.»[11] São palavras muito atuais. Vemos como São Basílio é realmente um dos Padres da Doutrina Social da Igreja.

Além disso, Basílio recorda-nos que para manter vivo em nós o amor a Deus e aos homens é necessária a Eucaristia, alimento adequado para os Batizados,

capaz de alimentar as novas energias derivantes do Batismo.[12] É motivo de imensa alegria poder participar na Eucaristia,[13] instituída «para conservar incessantemente a recordação daquele que morreu e ressuscitou por nós».[14] A Eucaristia, imenso dom de Deus, tutela em cada um de nós a recordação do selo

batismal, e permite viver em plenitude e delidade a graça do Batismo. Por isto o

Santo Bispo recomenda a comunhão freqüente, também quotidiana:

«Comungar até todos os dias recebendo o santo corpo e sangue de Cristo é bom e útil; porque ele mesmo diz claramente: ‘ uem come a minha carne e bebe o meu sangue terá a vida eterna’ [Jo 6, 54]. Portanto, quem duvidará de que comungar continuamente da vida não seja viver em plenitude?»[15] A Eucaristia, em síntese, nos é necessária para acolhermos em nós a verdadeira vida, a vida

eterna.[16]

Por m, Basílio interessou-se naturalmente também daquela porção eleita do povo de Deus que são os jovens, o futuro da sociedade. A eles dirigiu um

discurso sobre o modo de tirar proveito da cultura pagã desse tempo. Com muito

equilíbrio e abertura, ele reconhece que na literatura clássica, grega e latina, encontram-se exemplos de virtude. Estes exemplos de vida reta podem ser úteis

para o jovem cristão em busca da verdade, do modo reto de viver.[17] Por isso, é preciso tirar dos textos dos autores clássicos tudo o que é conveniente e conforme

com a verdade: assim com atitude crítica e aberta de fato – trata-se de um

verdadeiro e próprio ‘discernimento’ – os jovens crescem em liberdade. Com a

célebre imagem das abelhas, que tiram das ores apenas o que serve para o mel,

Basílio recomenda: «Como as abelhas sabem tirar das ores o mel,

diferenciando-se dos outros animais que se limitam a gozar do perfume e da cor

das ores, assim também destes escritos [...] se pode obter algum proveito para o

espírito. Devemos utilizar estes livros seguindo em tudo o exemplo das abelhas.

Elas não vão indistintamente a todas as ores, nem sequer procuram tirar tudo

das ores nas quais pousam, mas tiram só o que serve para a elaboração do mel, e

deixam o resto. E nós, se formos sábios, tiraremos daqueles escritos o que se

adapta a nós, e é conforme à verdade, e deixaremos o resto.»[18] Basílio, sobretudo, recomenda aos jovens que cresçam nas virtudes, no reto modo de viver:

«Enquanto os outros bens [...] passam deste para aquele como no jogo dos dados,

só a virtude é um bem inalienável, e permanece durante a vida e depois da

morte.»[19]

> ueridos irmãos e irmãs, parece-me que se pode dizer que este Padre de outrora fala também a nós e nos diz coisas importantes. Antes de tudo, esta

participação atenta, crítica e criativa para a cultura de hoje. Depois, a

responsabilidade social: este é um tempo no qual, num mundo globalizado,

também os povos geogra camente distantes são realmente o nosso próximo. Portanto, a amizade com Cristo, o Deus com rosto humano. E, por m, o conhecimento e o reconhecimento a Deus Criador, Pai de todos nós: só abertos a este Deus, Pai comum, podemos construir um mundo justo e fraterno.

§

1 *Hom.* 15, 2 *de fide*: PG 31, 465c 2 *Anaphora sancti Basilii*

3 Basílio, *Contra Eunomium* 1, 14; PG 29, 544b 4 Cf. *Anaphora sancti Basilii*

5 Cf. Basílio, *In Psalmum* 48, 8: PG 29, 452ab; cf. também *De Baptismo* 1, 2: SC 357, 158

6 *In Psalmum* 48, 8: PG 29, 452b 7 Hom. *6 de avaritia*: PG 32, 1181-1196

8 *Ep* 203, 3

9 Hom. *in divites*: PG 31, 281b 10 Hom. *tempore famis*: PG 31, 325a 11 Gregório de Nazianzo, *Oratio* 43, 63; PG 36, 580b 12 Cf. *De Baptismo* 1, 3: SC 357, 192

13 *Moralia* 21, 3: PG 31, 741a 14 *Moralia* 80, 22: PG 31, 869b 15 *Ep*. 93: PG 32, 484b 16 Cf. *Moralia* 21, 1: PG 31, 737c 17 Cf. *Ad Adolescentes* 3

18 *Ad Adolescentes* 4

19 *Ad Adolescentes* 5

«SENHOR, DEUS ETERNO, LUZ SEM COMEÇO NEM FIM, ARTISTA DE TODA A CRIAÇÃO, FONTE DE PIEDADE, OCEANO DE

BONDADE, ABISMO INSONDÁVEL DE AMOR PELOS HOMENS,

FAZEI BRILHAR EM NÓS A LUZ DE VOSSA FACE. BRILHAI EM

NOSSOS CORAÇÕES, SOL DA JUSTIÇA, E ENCHEI NOSSAS ALMAS

COM VOSSA ALEGRIA.»

Do livro: *La prière des Églises de rite Byzantin* [A oração das Igrejas de rito Bizantino], vol. I, Mercenier, Monastère de Chevetogne, 1948].